

# O LABIRINTO DA SAUDADE

DOSSIER DE  
IMPrensa

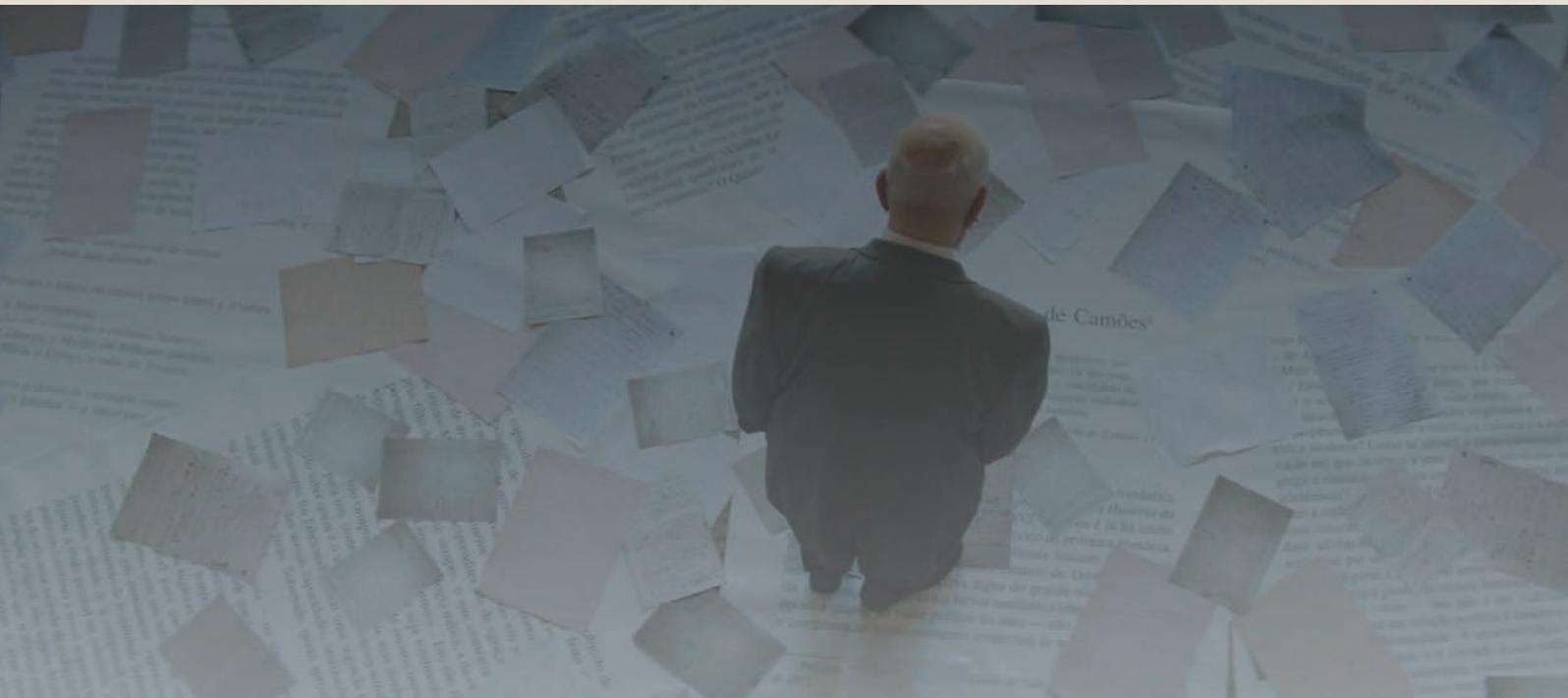
a partir do livro homónimo de

Eduardo Lourenço



UM FILME DE  
**MIGUEL GONÇALVES MENDES**

LONGSHOT



O Labirinto da Saudade, adaptação da obra homónima, é um ensaio documental narrado pelo próprio Eduardo Lourenço que percorre os espaços da sua memória e da própria história e identidade portuguesa, em busca da resposta do que é, afinal, isto de se ser português.

LONGSHOT apresenta

# O LABIRINTO DA SAUDADE

a partir do livro homónimo de Eduardo Lourenço

com a participação de:

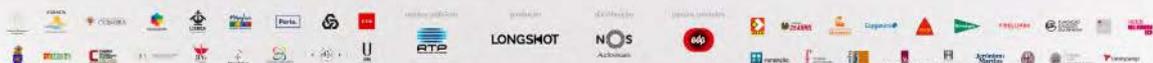
ABI FELJÓ  
ADRIANA CALCANHOTO  
ÁLVARO SIZA VIERA  
ANTÓNIO RAMALHO EANES  
DIOGO DÓRIA  
EDUARDO LOURENÇO  
GONÇALO M. TAVARES  
GREGÓRIO DUVIVIER  
JORGE SAMPAIO  
JOSÉ CARLOS VASCONCELOS



JOSÉ LINGNA NAFAFE  
JOSÉ MANUEL AFONSO  
LÍDIA JORGE  
PILAR DEL RIO  
RICARDO ARAÚJO PEREIRA  
SABRINA D. MARQUES  
TIAGO REIS MARQUES

UM FILME DE  
**MIGUEL GONÇALVES MENDES**

REALIZAÇÃO Miguel Gonçalves Mendes | PRODUÇÃO Vasco Sequeira | DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO Manuela Ribas  
ARGUMENTO Miguel Gonçalves Mendes, Diogo Figueira e Sabrina D. Marques | DIRECÇÃO DE FOTOGRAFIA Leandro Fuzeta  
MONTAGEM António Tainha | DIRECÇÃO DE ARTE Luís Monteiro | FIGURINOS Margarida Ruas | SOM Ricardo Sequeira | MÚSICA Noiservy



PRODUÇÃO

## LONGSHOT

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO Miguel Gonçalves Mendes

PRODUÇÃO Vasco Sequeira

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO Manuela Ribas

ARGUMENTO Miguel Gonçalves Mendes, Diogo Figueira  
e Sabrina D. Marques

DIRECÇÃO DE FOTOGRAFIA Leandro Fuzeta

MONTAGEM António Tainha

DIRECÇÃO DE ARTE Luís Monteiro

FIGURINOS Margarida Ruas

SOM Ricardo Sequeira

DESENHO DE SOM Alessandro Laroca | 1927studio

MÚSICA Noiserv

DISTRIBUIÇÃO



Audiovisuais

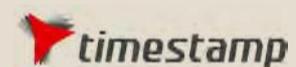
APOIOS PÚBLICOS



APOIOS PRIVADOS



ORDEM DOS ENGENHEIROS



## NOTA DE PRODUÇÃO

Um grupo de amigos do professor Eduardo Lourenço que têm tido o privilégio de lhe estarem próximos, onde se destacam os nomes de António Ramalho Eanes, José Carlos de Vasconcelos, Luís Sequeira, Pilar Del Rio, entre outros, decidiram celebrar a sua vida e obra através da realização de um documentário cinematográfico que se constituísse como uma herança para as gerações vindouras.

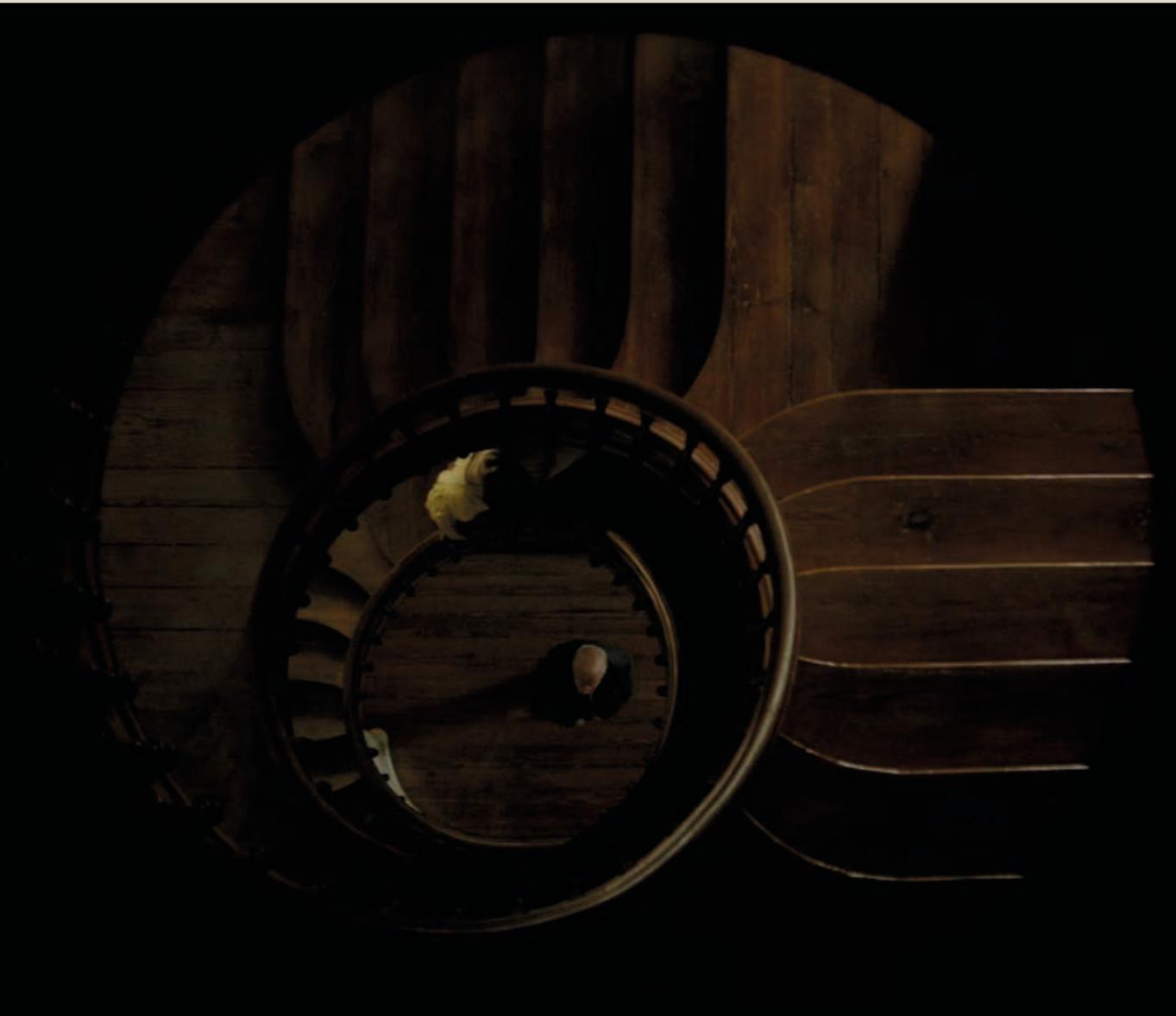
Eduardo Lourenço é uma figura ímpar da cultura europeia e tornou-se uma referência obrigatória do pensamento filosófico português. A divulgação da sua obra é uma responsabilidade social e deve ser feita de forma a torná-la acessível a todos os públicos. Fazê-lo através da imagem cinematográfica, com a sua própria participação, foi um desafio aliciante que nos deu a conhecer o escritor, o filósofo, o pensador e, por detrás de todos, o Homem simples que se apresenta como cada um de nós.

A produtora Longshot desde o início encarou este desafio como a oportunidade de apresentar Eduardo Lourenço na sua forma original e multifacetada, em que sobressaem os valores de toda uma vida dedicada ao conhecimento, ao sentido humano e à atenção permanente do evoluir da história, onde se cruza com figuras como Miguel Torga, Vergílio Ferreira, Sophia de Mello Breyner, Agostinho da Silva, José Saramago, entre outros.

A Longshot, face à qualidade pretendida para o filme, convidou o realizador Miguel Gonçalves Mendes para dirigir uma equipa de experiência cinematográfica que, num ambiente de extraordinária beleza (Bussaco) pudesse captar a essência do extraordinário pensamento do “ator de si próprio”, Eduardo Lourenço.

Na convicção de que este percurso pelo “Labirinto da Saudade”, feito através das câmaras de cinema, corresponde às expectativas geradas, cumpre-nos agradecer a todos os que apoiaram esta iniciativa.

SINOPSE



Miguel Gonçalves Mendes (José e Pilar) adapta ao cinema uma das obras mais lúcidas da cultura portuguesa – “O Labirinto da Saudade” de Eduardo Lourenço – numa viagem única pelo interior de uma mente brilhante. Aos 94 anos, o escritor e filósofo Eduardo Lourenço projecta pelos espaços da sua memória as perguntas que até hoje nele perduram. Que traumas nos definiram enquanto povo? Quem somos? O que fizemos? Que atrocidades cometemos? Quais os caminhos que podemos seguir? Estas questões são o ponto de partida para “O Labirinto da Saudade”, um filme sobre uma “nação condenada desde a sua origem a esgotar-se em sonhos maiores do que ela própria”, mas também a celebração da vida e obra de um dos maiores autores da cultura Portuguesa.

Narrado e protagonizado pelo próprio Eduardo Lourenço, o documentário percorre os corredores da sua memória e da história de Portugal. Pelo caminho, cruza-se com fantasmas do nosso passado e amigos do seu presente – figuras marcantes da cultura lusófona como Álvaro Siza Vieira, José Carlos Vasconcelos, Diogo Dória, Gonçalo M. Tavares, Lídia Jorge, Ricardo Araújo Pereira e Gregório Duvivier, que assumem o papel de interlocutores e condutores das reflexões escritas no livro.

DEPOIMENTO DE EDUARDO LOURENÇO  
PÓS-VISIONAMENTO PRIVADO DO FILME  
DURANTE A FASE DE MONTAGEM EM  
CASA DE PILAR DEL RIO

Nunca imaginei na minha vida ser ator de mim próprio. Obrigado Miguel. Isto foi uma das grandes surpresas da minha vida, tudo isto. Que não sei bem o que é: uma espécie de ficção - uma ficção encantatória -, diria, para me dar algum relevo antes de me ir embora.

É uma espécie de requiem.

É uma imagem interessante porque uma das coisas que mais me impressionou na vida foi o primeiro filme que eu vi sobre Dom João, rodeado de musas. Há demasiadas musas neste filme. E tenho a sorte de ter tido bons amigos na vida, como este cineasta.

No princípio, por ser baseado no livro, pensei que não haveria qualquer referência à Annie, a minha mulher. Mas está lá tudo, o que devia estar, o amor e uma ausência sem solução. E com ela estão os meus amigos que partilharam estes pensamentos e foram de uma generosidade talvez excessiva, pra mim, e que me é muito difícil de suportar.

Eu sou eu. Comigo eu entendo-me. Ou vou-me entendendo mais ou menos. Mas não posso, não consigo pensar-me com o olhar dos outros. Sinto-o como uma coisa excessiva para uma pessoa que não tem uma notoriedade que corresponda a esta espécie de "conto de fadas". Com alguns pontos infelizmente negativos, pelo meio.

Tudo isto é moderado e modelado pelas intervenções dos diálogos que eu vou tendo com as diversas pessoas que se cruzam no meu percurso. Gente que quis dialogar comigo, que quis perceber o que é que eu andei a dizer por ai de maneiras talvez um pouco crípticas e misteriosas.

O filme é demasiado, demasiado grande para mim, demasiado... quer dizer, toca-me em pontos que são muito sensíveis. Não quero dizer com isto que achei o filme chato. Pelo contrário, a questão é que chato sou eu na realidade E eu não posso sair deste filme como se não estivesse lá dentro. E isso é obra e consagração de quem fez o filme.

Eu não queria nada imitar o Agostinho da Silva mas tenho algum receio que me transformem numa espécie de segunda versão do Agostinho. É muito interessante que no filme apareçam essas referências ao Brasil. Que às vezes parecem um tema tabu. Esse diálogo com o Gregório é um dos melhores. Nunca tinha oportunidade de dizer o que me vai realmente na alma sobre o Brasil - essa presença/ ausência. De nós com ele e deles de nós.

Tudo isto foi uma aventura, uma das aventuras, digamos, pouco romancescas como no nosso passado. Sobretudo, dos tempos em que fomos

descobridores de mundos. Mas eu não descubro nem descobri coisa nenhuma. O que eu conheço já está descoberto há muito tempo. Eu limito-me a navegar na navegação dos outros por minha própria conta.

Cada um julgará da minha performance neste filme ou falta dela. No Sentido que poderá ter esta navegação, por conta de um sonho, que é maior do que eu. Claro que nunca imaginei ser actor de mim próprio. E eu tenho a consciência de que não sou actor de modo nenhum. Como disse nunca imaginei na minha vida ser ator de mim mesmo. Esta é uma aventura que não corresponde às minhas capacidades. Esta aventura de me vestir nela de uma maneira criadora como aquilo que tentei fazer, por minha própria conta, quando escrevi o Labirinto da Saudade.

De maneira que esta foi uma nova oportunidade de reflectir toda uma mitologia que muitos contestam, e talvez até com razão, e assim foi me oferecida a oportunidade de emendar de novo um certo número de temas ou propósitos.

Enfim, quem me ouve, quem me lê. Sobretudo quem me leu estará em circunstâncias de me corrigir que bem preciso. É um belo filme. Mas eu preferia que fosse outra pessoa a vestir esta coisa que me fica larga. Não houve nada que me tivesse chocado. Uma pessoa mitifica-se como pode. Mas pronto está feito, está feito.

**MGM:** - Mas e de zero a 10 quanto daria ao filme. Pode ser honesto (risos)

**EDUARDO:** O filme tem o tempo justo. Prende a atenção. Não há nada que seja excessivo. Eu não posso esquecer este filme. Esta evocação: de um sujeito que está ainda a arrastar os pezinhos. E por isso diria caro amigo: nove sobre nove.

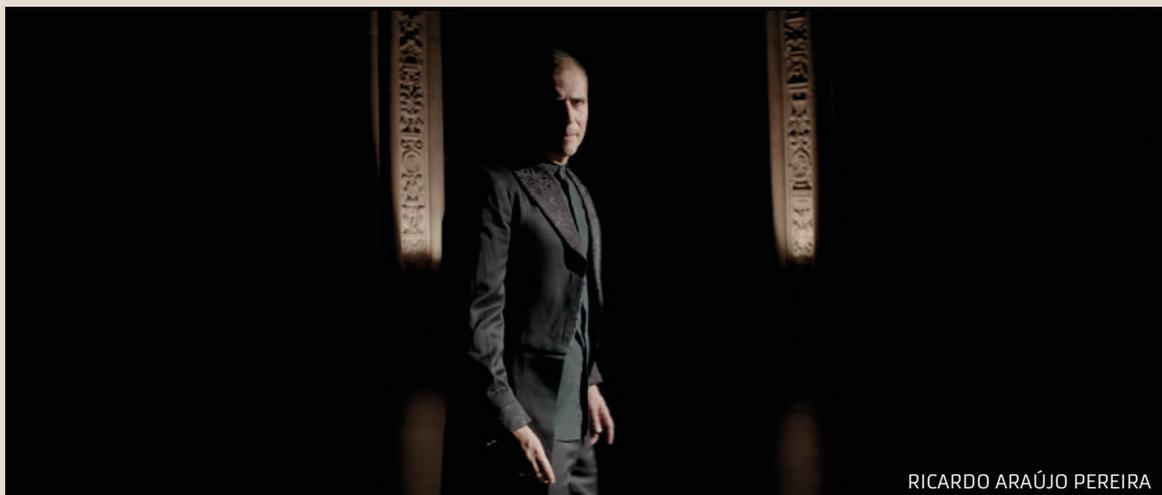




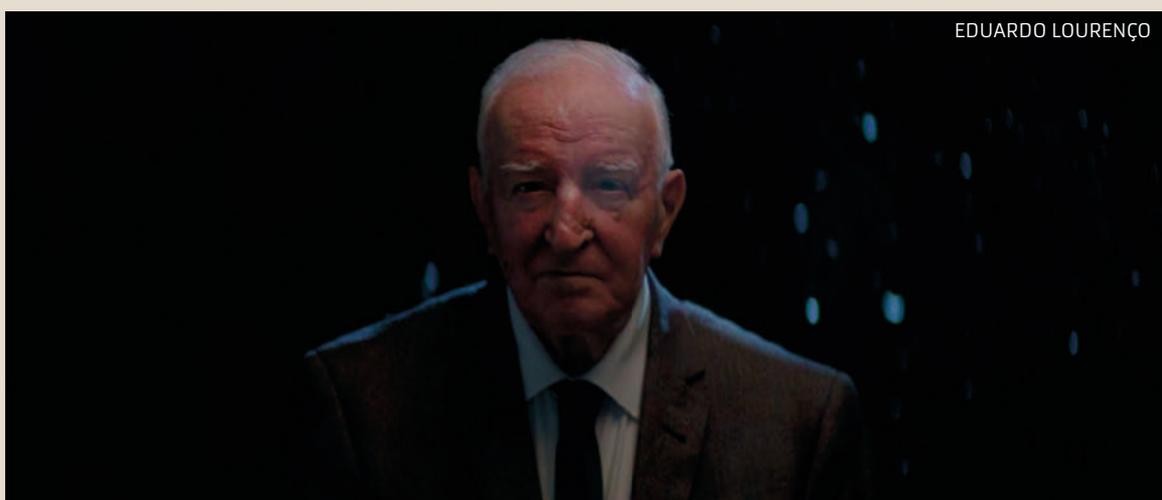
EDUARDO LOURENÇO



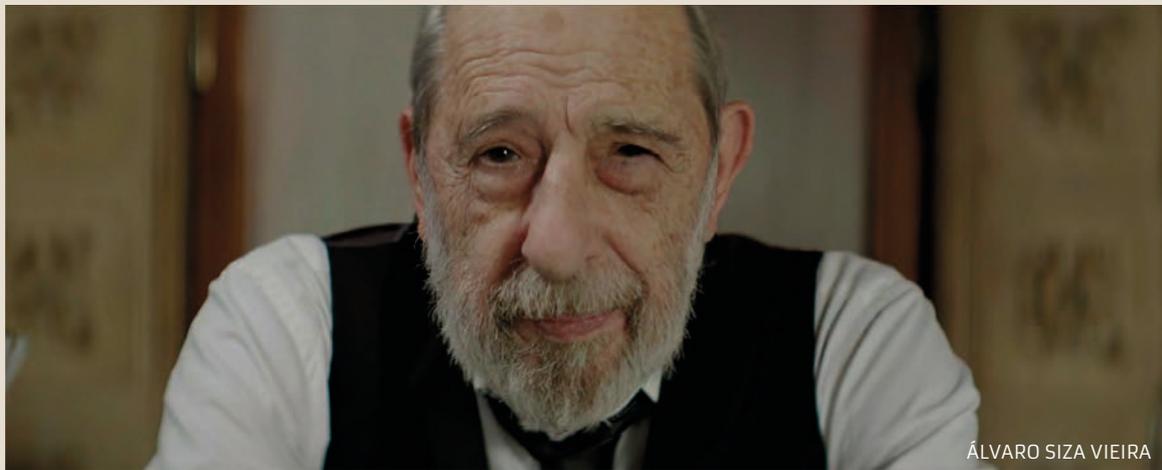
EDUARDO LOURENÇO · JORGE SAMPAIO · ANTÓNIO RAMALHO EANES



RICARDO ARAÚJO PEREIRA



EDUARDO LOURENÇO



TRAILER OFICIAL - 2'01"



TRAILER LONGO - 2'30"



"SABIÁ", POR ADRIANA CALCANHOTTO - 2'30"



TEASER DITADURA - 1' 02"



TEASER BRASIL - 51"



## INTENTOS DE SEDUÇÃO

PILAR DEL RÍO

Quis o destino, ou Miguel Gonçalves Mendes (MGM), que é mais incerto que o dito, que eu representasse um papel odioso no filme de homenagem e reconhecimento ao grande Eduardo Lourenço. Não ia ser a aluna atenta, a leitora devota, a cidadã admirada pelo brilhantismo do seu discurso, a amiga que o reverencia, o ser humano que dá passo ao imprescindível, a cúmplice de passados recentes, quando éramos quatro à mesa. Não, nada disso. O papel atribuído era, oh Deus do Céu, o de sedutora, a ser possível, sedutora implacável.

Imaginem, jogos de sedução na idade tardia, galanteios múltiplos e ousados diante de uma câmara, vestido vermelho, voz de Marylin cantando o parabéns a você a Kennedy, gesto afirmativo como o de Diana Caçadora, olhar arrebatado e outras circunstâncias de teor semelhante. Isto era o que MGM queria que eu fizesse, uma espécie de assédio a Eduardo, que representaria Portugal, por parte de uma espanhola disposta a unir pátrias, usando artifícios tão falaciosos quanto primitivos. Não se passou assim. Os protagonistas, ainda que prestando-se muito, rebelaram-se em relação ao todo: nem vestido vermelho decotado nem rendição por parte de Eduardo Lourenço, definitivamente ancorado, como ficou evidente na rodagem, em Portugal, que é o seu país e a sua vida.

Assim, não houve aventureirismos ibéricos neste novo labirinto de saudades. Do jogo entre os “atores” em cena uma coisa resultou clara: Portugal é mais rico com vizinhos diversos, que falam diferentes idiomas, somam características antagónicas e complementares, e que são, somos, semelhantes no fundamental: no anseio de viver felizes e em agradável companhia. Espanha e Portugal, livremente juntos, formam uma paisagem mais atrativa e com mais futuro que os antigos reinos de taifas onde a batalha era a norma e o rancor o pão nosso de todos os dias. De certa maneira, foi bom que MGM tivesse insistido em acentuar os intentos da sedução porque isso deu azo a que o protagonista manifestasse a sua rotundidade portuguesa, cavalheiresca e culta, quase humilde, zelosa do seu lugar no planeta, disponível para celebrar com outros (se na festa cabem todos). É uma boa lição do pensador que protagoniza o seu próprio filme.

Eduardo Lourenço não poderia completar 95 anos sem que a cultura portuguesa assinalasse a data com todas as honras. No filme não aparecem todos, mas todos estão. Assim, com o passar do tempo, será o filme que permanecerá nos leitores: o esbanjar de sabedoria, da inteligência e amizade, de bonomia, a marca de bom humor e de bem fazer ficará registada nos amantes da cultura portuguesa, justamente onde se preserva o melhor património, a riqueza que nos faz independentes e belos. Miguel Gonçalves Mendes volta a chamar-nos a atenção para o imprescindível e Eduardo Lourenço resgata-nos do lugar comum. Obrigada, gracias: mesmo que não goste do meu papel, entendo a importância da provocação. E sim, sem vestido vermelho, que não estamos no Matrix...

## O SONO DE EDUARDO

LÍDIA JORGE

Os espanhóis não dispõem de duas palavras para distinguir o sonho de quem dorme do sonho de quem sonha. Na língua de Cervantes, e mesmo de Goya, que tanto sonhou pintando, tudo é sueño. Entre nós, felizmente, assiste-nos a distinção, mas ainda assim, também não dispomos de palavras diferentes para diferenciar o sonho dormido do sonho acordado. Temos de recorrer à descrição e à perífrase, e nem mesmo o termo onírico, um tanto indistinto, serve para diferenciar esses dois estádios libertários da mente. Isto é, falta-nos um terceiro termo. No entanto, tendo em conta o mais recente filme de Miguel Gonçalves Mendes, eu diria que está encontrado um quarto termo para um outro nível do espírito trânsfuga, enquanto sono e sonho que acarretam a revisão do pensamento. É ele o labirinto da saudade, expressão arrancada ao título do livro mais emblemático de Eduardo Lourenço, que o Miguel tomou por capa e método para prosseguir o seu guião.

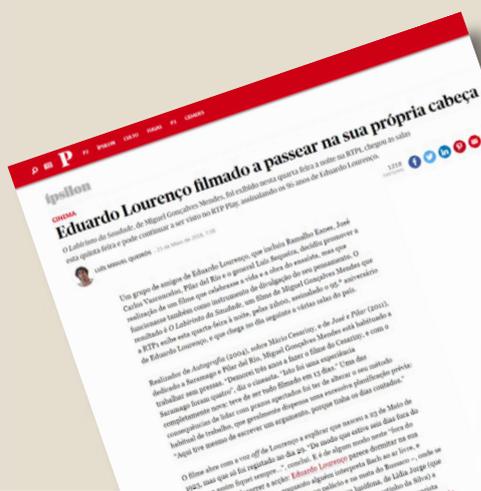
Do filme montado ainda só vi o trailer em construção. No momento em que escrevo estas linhas, não sei se o filme se inicia por um barqueiro conduzindo uma lancha na direção da outra margem, se antes pela cena em que o som de Bach invade a cena muda de um festejo de aniversário, as figuras familiares aplaudem e, de súbito, a aragem provoca o milagre de se desprenderem das árvores umas folhas vagantes que voam sobre o quadro de revestimento bucólico. E aí começa o sono de Eduardo. O mundo em volta vive a vida real, mas afasta-se para o aniversariante entrar no seu labirinto. E, então, tudo fica preparado para se rumar na direção de um filme sobre ideias, desenvolvidas em forma helicoidal, em que os circuitos se formam progressivamente em torno dos ângulos agudos do pensamento. E porque as ideias, ainda que abstratas, não são puras abstrações, elas surgem revestidas de rosto e carne. O rosto e a carne dos amigos e admiradores de Eduardo. Um friso de rostos reais, sem pé no real, sem tempo nem espaço definidos, como nos sonhos, que o interpelam numa chamada para um exame, uma prova definitiva de memória e sabedoria.

Atrevo-me a dizer que se trata de uma ousadia sem precedentes, no mundo do documentário e do cinema. Um filme sobre Eduardo que fica bem com a ousadia de pensamento do protagonista. A notável obra ensaística de Eduardo transforma-se na matéria de uma narrativa labiríntica como deve acontecer com a revisão das ideias quando consolidadas, quer o próprio esteja dormindo, ou apenas se encontre sonhando acordado. Eu diria que neste labirinto da saudade desenhado durante um sono, Eduardo Lourenço está acordado, vivendo uma imperativa alucinação de racionalidade. O lugar concreto de onde o discorrer mental acontece não é irrelevante. O Palácio de Bussaco, e as imagens da História que nele estão concentradas, serviram de espaço provocador do pensamento, tal como nos sonhos. Ao longo da fita, a realidade lugar físico investe contra o espaço da fantasia e fornece, em puro ato, os materiais para uma nova construção do sonho. Miguel Gonçalves Mendes sonhou ao lado de Eduardo. Nunca me hei de esquecer como o ímpeto genial que habita este jovem realizador conseguia provocar

no protagonista a improvisação da resposta e da representação, criando encontros com os espaços e com os figurantes do seu sonho, como numa sessão psicanalítica em que o divã era um palácio no meio da floresta, mas o plateau era o mundo redondo da memória de um homem que habitou dois séculos, os elucidou e preveniu as gerações em relação ao futuro.

Não estou completamente fora do quadro. No meio do labirinto da saudade, calhou-me desempenhar o papel de uma telefonista dos anos 50 que entrega o telefone a Eduardo para que ele fale com algumas das figuras do seu permanente diálogo mental. Nunca vou esquecer como avançava para a antiga cabine, tímido, vacilante, se aproximava do guichet e falava para os interlocutores imaginados a propósito dos seus íntimos mitos. Nunca vou esquecer como, em seguida, o realizador reconfigurava o material, num processo dinâmico de criação em plena ação. Por certo que a semelhante processo deve corresponder um nome técnico, em puro inglês, bem preciso, que uma amadora como eu desconhece. Mas, por certo, também, que a invenção deste filme, que voa por cima da categorização das técnicas, fará dele um objeto único, inesquecível e de vanguarda. O Labirinto da Saudade, filme, à semelhança do livro que o inspira, será sem dúvida uma película extra-ordinária, extra-vagante, extra-terrestre. Espero que seja vista com os olhos lavados de quem está apto a receber o novo com o sobressalto da alegria de quem vê o futuro caminhar na direção de quem o espera.





IMPRENSA ESCRITA - REPORTAGEM -



depreensão, transformando os elementos de forma em objetos, como se fosse de papel e de madeira. A obra de Lourenço, que se encontra nos ecrãs de cinema, é uma adaptação da obra homónima de Eduardo Lourenço, que se encontra nos ecrãs de cinema.



Este é um filme que aborda a obra de Eduardo Lourenço, que se encontra nos ecrãs de cinema. O filme de Miguel Gonçalves Mendes é uma adaptação da obra homónima de Eduardo Lourenço, que se encontra nos ecrãs de cinema.

que não é apenas um filme, mas uma obra de arte. O filme de Miguel Gonçalves Mendes é uma adaptação da obra homónima de Eduardo Lourenço, que se encontra nos ecrãs de cinema.

## Um filme sobre a saudade para nos proibir de dizer a palavra saudade

24.05.2018 às 13h37



Uma das figuras mais importantes da vida portuguesa, aquela que mais terá pensado sobre a identidade nacional, fez 95 anos esta quarta-feira. Eduardo Lourenço, o homem que atravessa a vida interrogando-se e interrogando a nossa alma. Um documentário de Miguel Gonçalves Mendes homenageia-o. Também nos questiona enquanto portugueses. O filme estreia nos cinemas esta quinta-feira



CRISTINA MARGATO

“**L**abirinto da Saudade” é um livro. A partir de agora é também um filme. Um documentário, ou ensaio documental que procura levar a todos o pensamento de uma das mais importantes figuras da vida portuguesa ou o pensamento que ele expressou num livro que percorre a história portuguesa e alguns dos seus traumas. Um filme feito em jeito de celebração, tributo, despedida, onde o homenageado, Eduardo Lourenço, se vê rodeado de amigos que partiram, de amigos que ainda o rodeiam.

Numa missão que o próprio realizador considera alucinada (13 dias de rotação) e que contraria trabalhos anteriores – como aqueles em que fez retratos intimistas de Mário Cesariny ou de José Saramago e Pilar Del Río –, Miguel Gonçalves Mendes opta por construir um labirinto: “Pela primeira vez faço um argumento totalmente fechado. Nos outros filmes tinha um esqueleto de argumento, sabia para onde queria ir, mas tinha abertura total”. Aqui Miguel Gonçalves Mendes tem um plano a cumprir: “O filme é a adaptação do livro, mas não é um retrato. Uma série de pessoas que conceberam a nossa ideia de Portugal está a desaparecer. Pessoas que nós admirávamos e admiramos. Tento, por isso, cristalizar algumas figuras icónicas da nossa portugalidade, como Siza Vieira, Lídia Jorge, Gonçalo M. Tavares, José Carlos de Vasconcelos, Ricardo Araújo Pereira e incorporar novas pessoas, como é o caso de Tiago Marques, investigadora da mente humana, e do astrofísico José Afonso”.



FOTO ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

### FILOSOFIA PARA TODOS



FOTO ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

O filme não é para uma geração mais velha “se deleitar com Eduardo Lourenço”. Com uma linguagem que quer tornar a filosofia em algo tangível, Miguel Gonçalves Mendes filma para a gerações futuras. E é por isso que não gosta da palavra saudade fora do contexto lírico. A saudade impede-nos de agir. “Lido muito mal com a palavra saudade. É muito bonita para a literatura, para a filosofia. Mas a saudade devia ser uma palavra proibida no nosso dia a dia, porque ela é uma força de bloqueio. Está sempre a reter-nos nas glórias passadas, a fazer-nos acreditar que a nossa vida era melhor. Pouco importa o anterior, o que importa é o que vamos fazer a seguir. Em Portugal há pessoas que criticam tudo e todos, que vivem da destruição permanente do outro, mas é verdade é que não fazem nada. Prefiro falhar, ou que alguém falhe, mas que tente fazer e era isso que eu gostava que mudasse.”

## ípsilon

CINEMA

**Eduardo Lourenço filmado a passear na sua própria cabeça**

*O Labirinto da Saudade*, de Miguel Gonçalves Mendes, foi exibido nesta quarta-feira à noite na RTP1, chegou às salas esta quinta-feira e pode continuar a ser visto no RTP Play, assinalando os 95 anos de Eduardo Lourenço.



LUÍS MIGUEL QUEIRÓS · 23 de Maio de 2018, 7:38

1218  
PARTILHAS



Um grupo de amigos de Eduardo Lourenço, que incluiu Ramalho Eanes, José Carlos Vasconcelos, Pilar del Río e o general Luís Sequeira, decidiu promover a realização de um filme que celebre a vida e a obra do ensaísta, mas que funcionasse também como instrumento de divulgação do seu pensamento. O resultado é *O Labirinto da Saudade*, um filme de Miguel Gonçalves Mendes que a RTP1 exhibe esta quarta-feira à noite, pelas 21h00, assinalado o 95.º aniversário de Eduardo Lourenço, e que chega no dia seguinte a várias salas do país.

Realizador de *Autografia* (2004), sobre Mário Cesariny, e de *José e Pilar* (2011), dedicado a Saramago e Pilar del Río, Miguel Gonçalves Mendes está habituado a trabalhar sem pressas. “Demorei três anos a fazer o filme do Cesariny, e com o Saramago foram quatro”, diz o cineasta. “Isto foi uma experiência completamente nova: teve de ser tudo filmado em 13 dias.” Uma das consequências de lidar com prazos apertados foi ter de alterar o seu método habitual de trabalho, que geralmente dispensa uma excessiva planificação prévia: “Aqui tive mesmo de escrever um argumento, porque tinha os dias contados.”

O filme abre com a voz *off* de Lourenço a explicar que nasceu a 23 de Maio de 1923, mas que só foi registado no dia 29. “De modo que estive seis dias fora do tempo, e assim fiquei sempre...”, conclui. E é de algum modo neste “fora do tempo” que vai decorrer a acção: **Eduardo Lourenço** parece dormir na sua própria festa de aniversário, enquanto alguém interpreta Bach ao ar livre, e “acorda” num lugar onírico – filmado no palácio e na mata do Bussaco –, onde se vai cruzando, e dialogando, com figuras da cultura lusófona, de Lídia Jorge (que lhe passa, do outro mundo, uma chamada telefónica de Agostinho da Silva) a Marques ao astrofísico José Afonso, de Ricardo Araújo Pereira ao humorista brasileiro Gregorio Duvivier – **que quer saber por que motivo o autor não incluiu a perda do Brasil entre os grandes traumas da História portuguesa inventariados n’O Labirinto da Saudade** –, de José Ligna Nanafe, um especialista em história da escravatura que o confronta com os horrores da colonização portuguesa, a Álvaro Siza, candidato ao Óscar de melhor actor secundário pelo seu papel de *barman*-arquitecto interessado nas perplexidades da condição humana.

E falta ainda referir a provocadora sereia iberista a que Pilar del Río dá corpo, a cuja sedução este Ulisses mental português só resiste mercê de um estóico patriotismo. Ou os breves *cameos* de Ramalho Eanes e Jorge Sampaio. E, claro, a presença-ausência do fantasma que mais intensa e persistentemente assombrou a vida e a obra do protagonista deste filme: Fernando Pessoa.

A opção de pôr **Eduardo Lourenço – também ele deveras convincente na difícil tarefa de fazer de si próprio** – a vaguear por salões e escadarias labirínticas enquanto vai pensando por sua conta a partir das interpelações de terceiros, comentando e aclarando as ideias que propôs há 40 anos n’*O Labirinto da Saudade*, mas também reflectindo sobre o Portugal de anos mais recentes ou a actual vaga populista que varre a Europa, não foi apenas um expediente astuto para a missão mais ou menos impossível de adaptar ao cinema um livro de ensaios. O próprio modo de pensar de Eduardo Lourenço – errante, dialógico, poético, paradoxal, enigmático – encontra aqui um eficaz equivalente visual.

## LER MAIS

■ Eduardo Lourenço na Disneylândia

Mas este é também um filme sobre o devir do país que Lourenço sonda na sua *Psicanálise mítica do destino português*, subtítulo e ensaio inicial de *O Labirinto da Saudade*. E um dos problemas de Miguel Gonçalves Mendes era o de tornar inteligível, sobretudo para

audiências estrangeiras, a sequência de momentos-chave da história portuguesa, muito distantes entre si, aos quais o ensaísta atribui uma dimensão traumática: a independência, a dominação filipina, o Ultimato inglês de 1890. E depois o salazarismo, a guerra colonial, o 25 de Abril, e todo o período que o livro de 1978 já não podia abarcar, do cavaquismo ao presente – uma dificuldade que o cineasta resolveu recorrendo a imagens do filme de animação *Fado Lusitano* (1995), de Abi Feijó, que criou ainda várias sequências novas, incluindo um divertido Cavaco Silva a fazer-se às auto-estradas em modo *Velocidade Furiosa* ou uma animação final ao estilo *Monty Python Flying Circus*, com Lourenço no labirinto da sua própria cabeça.

E como o próprio homenageado assinala num belo texto integrado nos materiais de divulgação d'*O Labirinto da Saudade*, trata-se também de “uma espécie de requiem”, de uma despedida. “Somos seres nascidos para a morte, e, embora eu espere que o Eduardo Lourenço fique por cá muitos anos, não podemos ignorar que tem 95 anos”, diz o cineasta. Mas “a nossa própria morte é-nos tão hostil que nós nem em sonhos morremos”, argumenta o próprio Lourenço no final do filme, já ao balcão do Bar da Eternidade. E logo acrescenta: “Agora, a morte verdadeira é a do outro, a do outro que existiu para nós, que foi tudo para nós, que foi o absoluto para nós, e essa é que é a morte real.” E o espectador sente-se imediatamente transportado para uma das mais pungentes cenas iniciais, quando um Lourenço “a arrastar os pezinhos” (expressão dele) por um longo corredor fora e a queixar-se de que nunca se lembra onde põe as coisas, as chaves de casa, os papéis, se aproxima de uma fotografia emoldurada, que se adivinha ser do seu casamento com Annie Salomon, que perdeu em 2013, e pergunta: “Annie, onde estás?”



Revista Visão

27/5 as 21:02 · 🌐



Uma abordagem extremamente criativa sobre o pensamento de Eduardo Lourenço, num filme com um elenco feito de figuras históricas. *O Labirinto da Saudade*, de Miguel Gonçalves Mendes, já se estreou nas salas de cinema:



VISAO.SAPO.PT

**'O Labirinto da Saudade': Uma incisiva reflexão sobre Portugal na adaptação cinematográfica da obra homónima de Eduard...**

## 'O Labirinto da Saudade': Uma incisiva reflexão sobre Portugal na adaptação cinematográfica da obra homónima de Eduardo Lourenço

VER | 27.05.2018 às 8h00



Uma abordagem extremamente criativa sobre o pensamento de Eduardo Lourenço, num filme com um elenco feito de figuras históricas. *O Labirinto da Saudade*, de Miguel Gonçalves Mendes, já se estreou nas salas de cinema



MANUEL HALPERN



**M**iguel Gonçalves Mendes deu a volta ao texto. O objeto do seu filme é *O Labirinto da Saudade*, o mais emblemático livro de um dos maiores “pensadores” da “portugalidade”. Vulgar seria fazer um documentário em que se dissertasse sobre o pensamento de Eduardo Lourenço, através de citações do próprio livro, entrevistas, conversas com amigos e outros intelectuais. O que fez Gonçalves Mendes foi construir um objeto artístico híbrido, louco, transgressor, experimental e extremamente livre – incatalogável, mas que, ao mesmo tempo, nunca perde da mira o seu objetivo. Uma pertinente e incisiva reflexão sobre Portugal, seus traumas e desejos, à luz de um pensador iluminado.

Em vez de recolher simplesmente depoimentos, transforma os elementos deste filme em atores, incluindo o próprio Eduardo Lourenço que tem de se representar a si próprio. E assim encontramos imagens tão surpreendentes como Lídia Jorge a fazer de telefonista; Álvaro Siza Vieira, de barman, ou José Carlos de Vasconcelos, de frade e amigo. Encontramos dois presidentes da República, António Ramalho Eanes e Jorge Sampaio, sentados à volta de um tabuleiro de xadrez com o formato do País. E eles dizem-nos que aquele jogo se joga sozinho.

O filme estrutura-se, por um lado, através da ideia de “trauma”, expressa no ensaio de Lourenço, fazendo-se uma viagem cronológica pela História de Portugal, com a ajuda da animação *Fado Lusitano*, de Abi Feijó. Por outro lado, há uma ideia de entrar literalmente no pensamento, na cabeça de Eduardo Lourenço, a qual se revela um autêntico labirinto, com muitos caminhos e poucas saídas. Finalmente está implícita a ideia de homenagem. Uma homenagem merecida a um dos maiores filósofos da portugalidade, que acaba de cumprir 95 anos.

**O Labirinto da Saudade** > de Miguel Gonçalves Mendes, com Eduardo Lourenço, José Carlos de Vasconcelos, Lídia Jorge, Pilar del Río, Siza Vieira, Ricardo Araújo Pereira, Adriana Calcanhotto, Gonçalo M. Tavares > 71 minutos



Assinar

OBSERVADOR

CINEMA

## Eduardo Lourenço: 95 anos como filósofo do nosso labirinto

23/5/2018, 8:36 → 172

Faz 95 anos e publicou o seu primeiro ensaio, "Heterodoxias", há quase 70. Um novo documentário de Miguel Gonçalves Mendes recorda uma vida e obra singulares.

Partilhe     

Eduardo Lourenço faz hoje 95 anos, nasceu em 1923 numa aldeia do distrito da Guarda perto da fronteira com Espanha LUSA

Autor



Joana Emídio Marques

Mais sobre

CINEMA  
FILOSOFIA  
LIVROS  
CULTURA  
LITERATURA

Não é fácil apanhá-lo com grandes disponibilidades para entrevistas. Está sempre em trânsito entre as mil tarefas que compõem os seus dias na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Confessa que "não sabe dizer que não a ninguém", queixa-se que "esta coisa do filme o está a deixar muito cansado", mas quem o conhece percebe que, na verdade, ele não consegue estar parado.

É comum vê-lo em todo o lado como se tivesse o dom da ubiquidade: apresentações de livros, lançamentos, concertos de música, cinema, colóquios. No seu gabinete o telefone está sempre a tocar, há recortes de jornais e livros marcados por toda a parte. A sua não conversão ao computador e à internet não lhe tira a absoluta sintonia com este tempo. E esta movida chega a fazê-lo parecer séculos mais novo que muitos dos seus pares.

E no entanto, Eduardo Lourenço, parece nunca sair totalmente de um mundo só seu; dir-se-ia mesmo que, ao contrário de Dédalo, ele dispensou as asas de cera para fugir e se rendeu aos encantos do labirinto e dos seus Minotauros e das suas Ariadnes, como muito bem percebeu o cineasta Miguel Gonçalves Mendes, no documentário que esta semana se estreia nas salas de cinema e na RTP1, *Labirinto da Saudade*. O filme é uma "mise-en-abyme" sobre o pensamento do filósofo, sobre o livro homónimo publicado há 40 anos e, simultaneamente, sobre a História de Portugal.

Em 1978 publica aquele que é um dos seus ensaios mais emblemáticos e, provavelmente, o que mais contribuiu para a descoberta deste pensador pelas gerações do pós-25 de Abril, *O Labirinto da Saudade: Psicanálise mítica do destino português*. Um livro iluminado que analisa os traumas da nossa história e como eles deixaram cicatrizes profundas no nosso inconsciente coletivo, nos mitos que nos animam e, sobretudo, na nossa auto imagem como povo face à Europa e ao mundo.

No rescaldo do golpe de estado do 25 de Abril de 1974, do PREC, da ameaça comunista, Eduardo Lourenço percebe que é urgente pensar que país havíamos sido e que país queríamos ser. Quarenta anos depois, a sua análise permanece atual até porque ninguém nos ofereceu nenhuma outra chave tão estimulante e intelectualmente honesta para a psique lusitana. Embora reconheça que "nos últimos 20 anos, como povo, tenhamos mudado ontologicamente, tal como a restante Europa e estejamos hoje noutra quadro civilizacional que já não o cristão e iluminista", defende que "os traumas da nossa história mantêm-se latentes e estão sempre na iminência de reemergir."



Labirinto da Saudade (Gradiva) foi publicado em 1978 e teve reedição em 2000

Se, "na aparência", o país que justificou um livro como *O Labirinto da Saudade* já não existe, porque "mudámos, literalmente falando, quase sem darmos conta disso, de mundo. Mudámos porque o mundo conheceu uma metamorfose sem precedentes, não apenas exterior, mas de fundo(...) Portugal nunca sofreu uma metamorfose comparável à dos últimos 20 anos. Não foi apenas uma mudança exterior, mas uma alteração ontológica como povo (...) ainda que esta metamorfose não seja obra sua como foi noutras épocas, e que seja uma metamorfose que fazemos, talvez pela primeira vez, em simultâneo com toda a Europa. Como todo o Ocidente tornámo-nos todo o mundo e ninguém."



Eduardo e Annie em França nos anos 50

É então neste ano da graça de 2018 em que nos tornámos finalmente "todo o mundo e ninguém" desmultiplicados nas redes sociais onde alegremente praticamos a nossa vocação para tribunais do Santo Ofício por conta da amizade universal, na felicidade televisiva dos euro festivais e casamentos reais entre protestos contra a estátua de padre António Vieira e a confrontação com o facto de não sermos nem termos sido "um país de brandos costumes", fomos encontrar Eduardo Lourenço para lhe perguntar onde estamos afinal? Pergunta que a ele — com a humildade só conquistada por aqueles que fugiram da paixão que a verdade comunica para perseguirem aquilo que ela esconde — diz não saber responder. Portugal é afinal uma questão que cada português tem consigo mesmo e só cada um pode encontrar a resposta.

### A ousadia de se deixar perder no horizonte

Nasceu há 95 anos em São Pedro do Rio Seco, distrito da Guarda, tão perto da fronteira com Espanha que dava para brincar com um pé de cada lado, filho de filhos do povo: a mãe tinha apenas a 4ª classe e o pai fez-se militar para fugir à miséria e dar um mar à sua inteligência para as matemáticas.

Com isso comprou uma vida sempre ausente da família. Eduardo lembra-se de querer imitar a letra do pai e da "indizível melancolia e tristeza" que lhe ficaram quando ele foi para Moçambique onde ficou durante seis anos. Essa partida foi-lhe mais difícil do que a sua própria, aos 10 anos, rumo a "uma gaiola dourada" que era o colégio militar em Lisboa. Não foi fácil adaptar-se mas não se podia queixar porque sabia que lhe estava a ser dada uma "oportunidade de luxo". Desses anos guarda afinal uma boa memória com as brincadeiras, os camaradas e as tardes de domingo no cinema com uma tia, a fazerem diluir algumas amarguras.



Eduardo Lourenço aos 16 anos, com a mãe e os irmãos, na Guarda.

O irmão, Adriano Lourenço de Faria, de 89 anos, que vive em Coimbra e veio para a estreia do filme, conta ao Observador que “Eduardo foi sempre assim: curioso, namoradeiro, apaixonado por mulheres, logo na adolescência houve uma Maria Helena, depois uma Natália...”. Quem foi esta Maria Helena? “Foi a minha primeira namorada”, recorda o filósofo como pudesse ainda tocar este deslumbramento dos seus 16 anos. “Era muito bonita até arranjeri maneira de ser vizinho dela, de resto acho que desde criança namoro com tudo à minha volta, namoro com tudo o que acho belo, e as mulheres para mim são a personificação da beleza. Sobretudo as de belo sorriso, aquelas cujo sorriso ilumina o mundo”.

Em 1949 parte para França com uma bolsa para estudar a obra do teólogo e filósofo Nicolas Malebranche. É aí, na universidade de Bordéus, que conhece Annie Salomon, estudante de literatura hispânica com quem casa em 1954. Mas logo em 49, com apenas 26 anos, publica em edição de autor *Heterodoxias*, uma obra corajosa, um manifesto contra toda e qualquer ortodoxia e a favor da liberdade de pensar fora dos espartilhos de qualquer género.

“Resistamos à ilusão de supor que tudo pode ser inundado de luz. Deixaríamos de ver. Recusemos o absoluto humano de Calígula, a tentação da unidade a todo o custo, uma vez que sabemos ser a unidade o pretexto do imperador louco para cortar a cabeça ao povo romano. No plano do conhecer ou no plano do agir, na filosofia ou na política, o homem é uma realidade dividida. O respeito pela sua divisão é Heterodoxia.”

Se não se revia no país de Salazar, também não se revia na alternativa que galvanizava a sua geração, o projeto comunista. Lembra-se que em Coimbra os amigos lhe chamavam “reaça” e que depois, em França, se deu com muita gente do PCF, mas o seu espírito foi sempre heterodoxo e é ainda dentro dele que surge *O Labirinto da Saudade*, um título vagamente glosado de *O Labirinto da Solidão* do poeta e ensaísta mexicano Otávio Paz.

Também, por isso, n’ *O Labirinto da Saudade*, defende que o Neo-realismo enquanto movimento cultural e artístico nunca foi capaz de subverter o sistema por dentro e que mais não fez do que mitificar como heróis os pobres e humilhados. Pelo contrário, é na curta margem ocupada pelos surrealistas que surge uma das mais consistentes críticas ao Salazarismo e a uma real capacidade de o dinamitar por dentro, usando o “ubuesco”, o “riso aliado à lucidez” e reconhece que, embora tenha passado a vida a estudar Fernando Pessoa, Alexandre O’Neill outro heterodoxo com o qual dialoga, tal como Mário de Sá-Carneiro, cuja poesia “implosiva, suicidária” o torna mais poeta que Pessoa, que era talvez “demasiado racional”.



Eduardo Lourenço com o irmão mais novo, Adriano, 89 anos, ontem na conferência de imprensa nos Jerónimos

Passou pelas universidades alemãs, brasileiras, estabeleceu-se em França sem nunca sair de Portugal. Recusa para si mesmo o estatuto de exilado da mesma forma aguerrida com que outros o põem na lapela. Recusa a ideia da “diáspora portuguesa” afirmando que a única diáspora que saiu de Portugal foi aquela “que impusemos aos nossos judeus”. E não deixa de ser curioso e corajoso como nesta frase cabe um pronome que raramente usamos quando se fala dos judeus: “nossos”. “Sim”, diz “porque apesar de tudo o que lhe infligiram eles nunca deixaram de ostentar orgulhosamente o estatuto de portugueses”.

Aos 95 anos repugna-lhe como aos 26, qualquer tipo de ortodoxia e, se neste *Labirinto da Saudade* defende que Portugal deve integrar os traumas do seu passado, mas não deve viver em função do termos sido, para com isso justificarmos a nossa posição de criança eternamente carente, frágil, ou os nossos momentos de megalomania, também defende que “não devemos ter vergonha do nosso passado”.

Por isso, quisemos saber como olha para protestos contra a estátua do padre António Vieira, um dos autores que, de resto analisa nesta obra: “Tirar a estátua do Vieira? Era só o que faltava! Ele que foi um génio literário ímpar, que teve uma visão cristã fora dos padrões da época e da nossa tradição, que percebeu o lado inumano da escravidão e que fez o possível, no seu ponto de vista, por pregar aos brancos dominadores que eles eram uns maus cristãos. Naquele tempo ninguém foi tão longe. E hoje há alguém que faça tanto em prol dos outros? E com a mesma coragem, arriscando a vida? Esse julgamento bizarro, estranho, é-me insuportável ainda por cima vindo de pessoas que não se comoveram com atentados muito piores, muito maiores e que ocorreram há muito menos tempo e que agora se acham donas de uma boa consciência total.”



Eduardo Lourenço a participar no programa Prova Oral de Fernando Alvim, na antena 3

Se *Os Lusíadas* de Camões e a *Mensagem* de Pessoa, *A Arte de Ser Português* de Pascoaes, são algumas das obras que encerram vários dos traumas da nossa história passada, Eduardo Lourenço diz que o Portugal presente e futuro está afinal no *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares: “Pela sua capacidade de mostrar todas as contradições do homem moderno, a dissolução do sujeito, a fragmentação do discurso, a crise da experiência moderna.”

Pedimos-lhe, por fim, que nos apontasse um autor contemporâneo para o futuro e, sem um instante de hesitação, Eduardo Lourenço nomeou Agustina Bessa-Luís, “porque ninguém como ela conseguiu situar-se nesse Portugal e nessa Europa mítica”. E, se como dizia Pessoa, “o mito é o nada que é tudo”, eles serão sempre a estrutura do nosso pensamento. Ainda que hoje, como lembra o filósofo, os mitos que nos animam “sejam menos os helénicos e os latinos mas sim os americanos.”

Esta quarta à noite Eduardo Lourenço vai ver, pela primeira vez, o filme de Miguel Gonçalves Mendes no qual participa como ator de si mesmo. Ao Observador, o general Luís Sequeira conta que a ideia de transformar o livro *Labirinto da Saudade* num filme partiu dele e do general Ramalho Eanes e foi este que, depois de muita luta, conseguiu convencer o filósofo a participar no filme. A ideia é que depois das salas de cinema, onde só deve ficar uma semana, o documentário siga para as escolas, universidades portuguesas, lusófonas e seja uma porta para entrar no livro homónimo e na restante obra de Eduardo Lourenço, o filósofo que queria ser poeta, que escreveu dezenas de livros sobre Portugal, para afinal falar sempre de si mesmo “através da voz dos outros.”



O filósofo juntamente com dois dos atores do filme, o escritor Gonçalo M.Tavares, o astrofísico José Afonso e o general Luís Sequeira, um dos ideólogos do documentário

00  
 UP  
 DAILY

01  
 EMBARQUE IMEDIATO  
 NOW BOARDING

02  
 PARTIDA  
 DEPARTURE

03  
 BAGAGEM DE MÃO  
 HAND LUGGAGE

04  
 PILOTO AUTOMÁTICO  
 AUTOMATIC PILOT

05  
 ATERragem  
 LANDING

## Miguel Gonzalves Mendes — O ativista das imagens

ON MAR 1, 2018 IN EMBARQUE IMEDIATO | NO COMMENTS

O realizador Miguel Gonzalves Mendes filma com intimidade e a ambição de ver mais além, de abarcar o máximo. Observa o gênio, o amor e a vida, da fragilidade a grandeza, e viaja mundo fora.



Estamos no jardim da Praça da Alegria em Lisboa e nem a manhã fria de inverno, cachecóis, luvas e ch6, demovem o seu entusiasmo. Para a maioria, ele 6 o realizador de *Jos6 e Pilar*, de 2010, (agora a bordo dos avioes da TAP, entre outros filmes seus — saiba mais na p6gina 134), que comeou por ser um document6rio sobre um novo livro do Nobel da Literatura portugu6s e se tornou num manifesto po6tico sobre o encontro entre Jos6 Saramago e a sua mulher Pilar del Rio. "6 um filme sobre relaxes, sim, mas sobretudo 6 um filme sobre a vida", disse Saramago, na altura. E a cr6tica, da portuguesa ao *The New York Times* ou a *Variety*, abraaram-no pela fina sensibilidade e surpreendente intimidade. "O que tornou este filme muito especial foi eu ter tomado a decis6o radical de n6o ter nenhuma entrevista, e isso dava a sensa6o ao espectador de estar a ver uma esp6cie de jornada do her6i, uma hist6ria de fic6o." E sabia que queria levar isso mais longe formalmente; por isso, a sua pr6xima longa-metragem, que lhe tem preenchido os 6ltimos quatro anos, 6 o passo a seguir e surge numa esp6cie de ressaca do sucesso de *Jos6 e Pilar*. Chama-se *O Sentido da Vida*. "Havia uma coisa que o Saramago e a Pilar diziam: 6 imoral perdermos tempo a chorar e a reclamar, porque temos o poder de nos levantar da cadeira e fazer alguma coisa. E temos de ter consci6ncia de que o tempo est6 a contar. Se queres lutar para ser feliz, por aquilo que acreditas, tem de ser agora. Ent6o, 6 muito mais interessante perceber o que nos faz estar vivos e continuar aqui. E nesse sentido, gostava que este filme tentasse ser uma c6psula do tempo deste mundo esquizofr6nico, com tudo de bom e de mau. E estamos a viver num momento de charneira onde isso 6 muito 6bvio."

### Arquivos

Select one

Pesquisa / Search.

### DESTAQUE

/// "Quando filmo, quero mostrar o que nos distingue da grande massa. 6 preciso ter um olhar, saber seduzir."

/// "At6 ao s6culo XV o mapa de Portugal era apresentado na horizontal, isto era uma plataforma para ir e voltar e 6 assim que imagino e vejo o meu pa6s."

/// Nos filmes de Miguel h6 muitas viagens, interiores e mundo fora, como em *Nada Tanto de Mim*: Macau, Hong Kong, Tail6ndia...

/// *Jos6 e Pilar*, o document6rio sobre o Nobel da Literatura portugu6s, Saramago, celebrou Miguel Gonzalves.

## Local

*O Sentido da Vida* parece falar para os tempos que vivemos, estranhos, excitantes, sem dúvida transformadores. Conta a estória de um jovem do interior do Brasil, Giovane Brisotto, que herda uma doença fatal, rara e incurável (paramiloidose, conhecida por doença dos pezinhos) que foi espalhada pelos portugueses no globo há 500 anos, durante as grandes navegações. Este jovem, que é real, decide fazer uma volta ao mundo a partir de Portugal. "A doença, e sobretudo esta de origem portuguesa, era um ponto de partida perfeito para falar na globalização. Se eu tivesse escolhido um mundo português, e ele fosse tentar recrear este trajeto, poderia parecer uma coisa saudosista do império, salazarenta; o facto de ser brasileiro prova que somos a soma das partes. De onde viemos todos?" No caminho, Giovanni encontra muitos iguais:

A este périplo solitário e filosófico que é a espinha dorsal do filme, Miguel acrescenta sete figuras públicas de sete nacionalidades diferentes que funcionam "como arquétipos da humanidade": um juiz controverso (o espanhol Baltasar Garçon), um músico respeitado, o islandês Hilmar Örn Hilmarsson, um chefe religioso ("o último padre viking"), a artista japonesa Mariko Mori, o escritor Valter Hugo Mãe, um político ambientalista, um ator influente e, qual cereja no topo do bolo, Andreas Mogensen, um astronauta dinamarquês da Estação Espacial Internacional. "Como é que lidamos com aqueles que achamos que sabem tudo? Se calhar, a vida prática é igual a nossa. Era essa a ideia: somos todos tão iguais e tão perdidos perante a vida. E devemos sentir-nos obrigados a melhorar o mundo à volta, nem que seja a apanhar o papel que está no chão."

Este novo filme parece sumarizar o que já conhecemos sobre o realizador, o seu olhar humano, delicado e intimista, e a observação cuidada de personalidades que admiramos. *José e Pilar* reconheceu-o publicamente, mas o aplauso dos pares deu-se com *Autografia*, de 2004, premiado no festival DocLisboa, um documentário sobre o poeta e pintor Mário de Cesariny, outra figura maior e desconcertante da cultura portuguesa. "Conheci o Miguel, fiquei miguelista", disse então Cesariny ao jornal *Público*. "O Miguel sabe o que é a poesia, sabe o que é um poeta, e sabe, talvez como poucos, transmitir isso ao cinema".

Agora em Maio, para além de um minidocumentário que fez para a RTP sobre Fátima chamado *Fátima SA*, Miguel estreia *O Labirinto da Saudade*, homónimo do livro do grande filósofo e pensador português Eduardo Lourenço. Neste caso foi uma encomenda, mas irrecusável: "Não podia abdicar do prazer e da obrigação de estar a entrevistar uma das melhores figuras vivas, fiquei superfeliz", confessa Miguel, que está na fase final de montagem. Passa-se na cabeça do filósofo, "como se fosse um sonho e com uma série de pessoas que passaram pela sua vida, entro tem assim um lado meio mágico", sorri. "Acho que está a ficar muito bonito." Miguel precisa de pessoas para contar das suas inquietações. Diz que este humanismo vem da formação em história. "Estive para ser arqueólogo, para ser ator e há uma necessidade de tentar cristalizar alguma coisa", afirma. "Por outro lado, a graça de Portugal também é estar tudo por fazer, é incrível a quantidade de pessoas sobre as quais não há registo. O que me interessa é mostrar o que nos distingue da grande massa. É claro que é preciso ter um olhar, saber seduzir, porque é um jogo de confiança, de enamoramento. Posso me gabar, e isso deixa-me mesmo feliz, que as pessoas que filmei são meus amigos, são família. Espero que as que vejam o filme sintam que também conheceram aquelas pessoas, sei lá, esse é o único mérito que posso tentar alcançar."

::

## Universal

Nos seus filmes há muitas viagens, interiores e mundo fora. Uma evidência na série *Nada Tenho de Meu*, *Diário de Viagem ao Extremo Oriente de 2012*, quando atravessou Macau, Hong Kong, Tailândia, Camboja e Vietname com os escritores brasileiros Joro Paulo Cuenca e Tatiana Levy, um misto de cadernos de viagem e ficção. No seu novo filme, *O Sentido da Vida*, a volta ao mundo faz-se sem uma única viagem de avião. "Apesar de ser um frequentador assíduo da TAP tenho pouco de andar de avião, peso sempre as aeronaves para me darem a mão [risos], enfim, a sério, choro e tudo, é um disparate!" Mas não é por ter medo de voar — queria tirar o espectador da zona de conforto", explica. Entre foi de barco até à Índia e ao Japão, de comboio até Pequim e Xangai, por aí fora, "para mostrar que o mundo real ainda existe", e pode passar pela nossa janela.

Quando viaja, Miguel não tira fotografias "E não é só porque estou farto de filmar, é a quantidade de lixo que produz, não é nada. Quando chegamos a Pangkor Laut ou a Acra ou ao Taj Mahal, onde vês aquelas hordas de turistas, e a primeira coisa que fazem quando saem do autocarro é, com o pau de selfie em riste, tirar fotografias. Não é para viver nada, é para fazer uma marcação territorial, para nada. Para isso, vai-se a um banco de imagens na internet."

A sua relação com as viagens mudou muito depois de fazer 57 mil quilómetros em nove meses e ainda acompanhar a agenda superagitada dos outros sete personagens. "Quando chegava a Lisboa ou a São Paulo [Miguel vive entre as duas cidades] não queria mexer-me nem para ir a esquina. Mas há viagens que quero fazer: cruzar África de norte a sul de carro, o Expresso do Oriente, dar a volta ao mundo por cima." Tudo em grande? "Se não, para quê? Temos a obrigação de fazer coisas maiores, todos nós." Viveu intensamente estas viagens onde procurou "saber coisas, aceitar a diferença, o outro. Tornou-me, não diria uma pessoa melhor, mas uma pessoa mais desperta. As pessoas esquecem-se, mas estamos aqui para crescer."

Miguel nasceu na Covilhã e cresceu em Olhão, "a terra e o mar", diz, mas a sua cidade é Lisboa, "parece feita para bonecas, com escala humana, mas é uma cidade do mundo". Por outro lado: "Por ser tão português tenho numa relação de amor-ódio com Portugal [risos].". Pausa. "Não sei se sabes, mas até ao século XV o mapa de Portugal era apresentado na horizontal, isto era uma plataforma para ir e voltar e é assim que imagino e vejo o meu país, como dizia o padre Antão Vieira: "para nascer, Portugal. Para morrer, o mundo". Somos um país muito antigo, que já teve manhas de grandeza e agora acha que já não tem um lugar no mundo, quando pode ser extraordinário. E, nesse sentido, os países pequenos são muito mais curiosos, abertos — ao contrário dos grandes, que são autôcticos. Nós somos universais. E somos muito reflexivos, por exemplo, mas somos do bem. E somos, efetivamente, o país mais exótico da Europa, mas não temos consciência de que somos um país especial, e não é pelo sol o ano inteiro, a comida incrível, as pessoas simpáticas e generosas. Uma das coisas que o astronauta diz no filme é que a coisa mais próxima da expansão espacial foi a expansão portuguesa, não no sentido colonizador, mas no sentido em que foi um salto no abismo — tu não sabias para o que é que ias —, íramos um milhão de habitantes. Não tinhas o que fazer aqui, então embora para fora. Foste o primeiro país a tornar o mundo conectado, foste a primeira internet, por assim dizer."



# Eduardo Lourenço não vê necessidade de "crucificar" passado português

24 mai 2018 20:27

[MadreMedia / Lusa](#)

[Atualidade](#)

[Eduardo Lourenço](#)

[3 comentários](#)



O ensaísta Eduardo Lourenço afirma não compreender a necessidade de "crucificar" o país por causa do seu passado de colonizador, sublinhando que não houve maldade na génese e que o mal feito já não pode ser reparado.



INÁCIO ROSA/LUSA

Eduardo Lourenço comentava, em entrevista à agência Lusa, a polémica relacionada com um possível "Museu das Descobertas", em Lisboa, que motivou uma carta aberta, publicada em abril no jornal Expresso, de dezenas de historiadores que se opõem ao conceito por trás da designação, e teve já várias outras – a favor e contra – desde então.

"Não sei por que é que neste momento parece haver uma necessidade de crucificar este velho país em função de uma intenção louvável, mas que ainda não redime aqueles que querem realmente a redenção, aqueles que foram objeto de uma pressão forte como o do nosso domínio enquanto colonizadores, de uma certa época", afirmou.

O filósofo confessou ainda não entender este movimento, quando, independentemente das consequências negativas, como a escravidão, as descobertas tiveram na génese uma motivação "louvável" e quando tantos outros países da Europa cometeram "crueldades" muito maiores.

"Já não podemos reparar nada, que essas coisas não têm reparação, mas podia ser [este movimento] um gesto que se justificasse por uma espécie de maldade particular e única que nos afastasse da consideração de país civilizado, de um continente civilizado chamado Europa, mas não", afirmou.

Na opinião de Eduardo Lourenço, as "crueldades" de Portugal não podem ser queimadas "na mesma fogueira" de outros, para salvar o país 'a posteriori' daquilo que já não se pode emendar.



créditos: INÁCIO ROSA/LUSA

“Uma parte desses senhores que subscrevem esse documento têm as suas razões, são historiadores, conhecem, mas houve tragédias na Europa que não são da nossa alçada, que fomos os mais pacíficos, dos povos do sul da Europa”, disse, lembrando “outras nações, outras culturas, que fizeram passar a Europa por períodos de facto muito difíceis de aprovar nas suas intenções, caso da Alemanha, da França e de outros países”.

O ensaísta, que hoje comemorou 95 anos ontem, no mesmo dia em que estreou um documentário inspirado na obra “O Labirinto da Saudade”, acrescentou ainda nunca ter visto “um grande discurso a autojustificar aquilo que se passou no Leste durante mais de 100 anos e que também não foi nada de que [se possam gloriar] enquanto europeus, ou simplesmente enquanto seres humanos”.

“Mas enfim, cada um faz a penitência que julga mais adequada à visão que tem da História. Eles são historiadores, terão as suas razões, eu tenho a minha: acho extraordinário, num momento em que a Europa é quase toda ela democrática, que, de facto, um país com menos problemas graves e de difícil resolução no mundo seja objeto desta espécie de penitência pública”, afirmou.

Evocando ainda colonizações mais violentas, como a dos espanhóis no México ou no Peru, disse: “nunca vi este ato quase de tribunal de inquisição ser convocado metaforicamente para pôr na pira a história do nosso pequeno país, que não o merece”.

### **Eduardo Lourenço confessa que é "difícil assumir" que faz 95 anos**

O ensaísta Eduardo Lourenço, ator dele próprio no filme “O Labirinto da Saudade”, afirma-se feliz com esta homenagem, mas confessa que lhe é “difícil assumir” este aniversário.

“O Labirinto da Saudade”, de Miguel Gonçalves Mendes, adapta a obra homónima de Eduardo Lourenço e transporta os espectadores por uma viagem através da cabeça do pensador português, com o próprio como protagonista e narrador da história, percorrendo os caminhos da memória e cruzando-se com personalidades da cultura, com quem troca breves diálogos em busca da resposta à questão “o que é ser português”.

No entanto, Eduardo Lourenço admitiu, em entrevista à Lusa, que “entrou no filme sem saber que estava a entrar num filme” e considera haver uma “tal incompatibilidade” entre ele e ser ator, que não se vê nesse papel, embora ainda não tenha visto o resultado final e nem tenha “vontade particular” de se “mirar nesse espelho”.

"Aquilo era uma espécie de visita ao Buçaco [ambiente onde é filmado], sem programa propriamente dito, e a gente tinha que inventar umas situações e umas falas com muitas personagens, meus amigos ou não, quase todos eles meus amigos, e eu não podia adivinhar o que é que saía dali e continuo na mesma porque ainda não o vi", disse.

Desses diálogos, gostou particularmente do que teve com Álvaro Siza Vieira, que faz de empregado do "Bar Eternidade", por este ser "um criador no sentido forte do termo".

"É um criador em si e isso impõe um respeito absoluto, eu estava a falar com alguém que a gente tem impressão que o que ele está, o que ele faz, o que ele propõe, o que ele fará ainda é qualquer coisa que merece atenção e que nós temos a certeza que são coisas que o futuro olhará e guardará como dignas do tempo presente que estamos vivendo", afirmou.

Outro diálogo que achou particularmente curioso foi o que teve com o ator e humorista brasileiro Gregório Duvivier sobre a relação de Portugal com o Brasil.

Eduardo Lourenço teve de responder à questão "como é que a perda do Brasil não nos tinha traumatizado", uma pergunta que o obrigou a admitir que de facto a perda do Brasil não representou "um traumatismo no sentido forte do termo".

"Mas também nós não perdemos o Brasil, não perdemos nenhum sítio onde estivemos, perdemos o que devíamos perder, em relação a atos que cometemos enquanto colonizadores ao longo dos séculos", disse, sublinhando a relação que existe com aquele país, para onde os portugueses emigravam em busca de fortuna.

Sobre a antestreia do filme no mesmo dia em que faz 95 anos, Eduardo Lourenço considera que "será uma coincidência, que as pessoas diriam uma coincidência festiva".

"[É também] uma gentileza da parte do cineasta, de se lembrar disso, e eu parti para isso sem saber o que estava ali a fazer, pensando que fazia parte de uma leitura específica de um cineasta a respeito de uma pessoa que não é um ícone cultural propriamente dito, mas tive de me resignar a envergar esse fato durante algum tempo", acrescentou.

Eduardo Lourenço admite que é "um bom presente de aniversário", ainda para mais tendo a ideia do filme partido de um grupo de amigos, mas confessa que, para ele, fazer 95 anos é uma "coisa sempre rara e difícil de assumir, porque é o princípio do fim".

"Todos nós estamos confrontados com essa exigência, não encaro isso como uma coisa trágica, era só o que faltava. A tragédia já é em si nós não podermos escapar àquilo que nos espera, seria uma injustiça para todas as outras pessoas, que eram os nossos, que já morreram, que nós não fôssemos capazes de suportar aquilo que eles suportaram quando chegou o fim deles. É ir para a morte como se todos aqueles que nos conheceram e nós amámos estivessem connosco".

PORTUGAL

## Eduardo Lourenço aos 95 anos: "É o princípio do fim"

De Francisco Marques

Seguir @fmarques4655

Últimas notícias: 23/05/2018

Eduardo Lourenço aos 95 anos: "É o princípio do fim"



PARTILHE ESTA NOTÍCIA



Share



Tweet



Share



send



More

No dia em que celebra 95 anos, o reconhecido filósofo e professor português Eduardo Lourenço recebe como prenda um filme.

**"Eu não podia adivinhar o que sairia dali. E continuo na mesma"**

- Eduardo Lourenço -

Professor e escritor sobre o próprio filme

"O Labirinto da Saudade" é um género de documentário abstrato de Miguel Gonçalves Mendes, o realizador responsável por "José e Pilar" (2010) e "Poema Colagem: Homenagem a Mário Cesariny" (2010).

No filme, cujo orçamento terá rondado os 200 mil euros, Eduardo Lourenço interpreta-se a si mesmo e contracena com atores improvisados do calibre de ex-presidentes de Portugal, Jorge Sampaio e Ramalho Eanes, da cantora brasileira Adriana Calcanhotto, do escritor português Gonçalo M. Tavares, do premiado arquiteto Álvaro Siza Vieira ou do humorista e cronista Ricardo Araújo Pereira.

"Aquilo era uma espécie de visita ao Buçaco, sem programa propriamente dito. Tínhamos de inventar situações e umas falas com outros personagens, meus amigos ou não. Quase todos, meus amigos. Eu não podia adivinhar o que sairia dali. E continuo na mesma porque ainda não vi o filme", afirmou Eduardo Lourenço, em entrevista à Agência Lusa.



24 de maio

52 1 2



@rtpt

O Labirinto da Saudade - No dia em que Eduardo Lourenço completa 95 anos, a @RTP1 exhibe um documentário de autoria de Miguel Gonçalves Mendes. [bit.ly/2rZGwQT](https://bit.ly/2rZGwQT)

10:33 AM - May 22, 2018

3 See RTP's other Tweets

Ao seu estilo, o escritor, professor e aclamado pensador do ser português discorreu sobre o significado da vida, da existência, da velhice e do fim do ciclo, revelando-se pronto para encarar o destino que nos aguarda a todos. Sem exceção. Sem dramas.

"Entrevistar uma pessoa que vai fazer 95 anos é coisa sempre rara e difícil de assumir porque é o princípio do fim. Todos nós estamos confrontados com essa exigência. Não encaro isso como uma coisa trágica. A tragédia é já em si nós não podermos escapar realmente aquilo que nos espera", perspetivou.

"O Labirinto da Saudade", a viagem de Miguel Gonçalves Mendes ao interior de mente brilhante de Eduardo Lourenço, tem antestreia no pequeno ecrã, através da RTP1 (parceira da Euronews), esta quarta-feira à noite, pelas 21h00.

A estreia no circuito comercial de cinema está marcada para esta quinta-feira, 24 de maio.

TAMANHO DO TEXTO

Aa

Aa

## NOTÍCIAS

THE POPE - FERNANDO MEIRELLES

PUBLICIDADE

CINEMA E TV

O2 PÓS

OUTRAS TELAS

O2 PLAY

MEMÓRIA

IMPrensa



# O LABIRINTO DA SAUDADE – NOVO LONGA DE MIGUEL GONÇALVES

07.05.2018

HOME, CINEMA E TV, O2 PÓS



**Tags** o2 pós, miguel gonçalves mendes, Eduardo Lourenço, Labirinto da Saudade, Álvaro Siza Vieira, José Carlos Vasconcelos, Diogo Dória, Gonçalo M. Tavares, Lídia Jorge, Ricardo Araújo Pereira, Gregório Duvivier.

"O Labirinto da Saudade", longa com direção de Miguel Gonçalves Mendes, tem estreia prevista para 23 de maio e faz uma viagem única pelo interior da mente do escritor e filósofo português Eduardo Lourenço. O roteiro é uma adaptação da obra homônima do escritor.



Narrado e protagonizado pelo próprio Eduardo Lourenço, o documentário percorre os corredores da sua memória e da história de Portugal. Pelo caminho, cruza-se com fantasmas do passado e amigos do seu presente – figuras marcantes da cultura lusófona como Álvaro Siza Vieira, José Carlos Vasconcelos, Diogo Dória, Gonçalo M. Tavares, Lídia Jorge, Ricardo Araújo Pereira e Gregório Duvivier, que assumem o papel de interlocutores e condutores das reflexões presentes no livro.

Narrado e protagonizado pelo próprio Eduardo Lourenço, o documentário percorre os corredores da sua memória e da história de Portugal. Pelo caminho, cruza-se com fantasmas do passado e amigos do seu presente – figuras marcantes da cultura lusófona como Álvaro Siza Vieira, José Carlos Vasconcelos, Diogo Dória, Gonçalo M. Tavares, Lídia Jorge, Ricardo Araújo Pereira e Gregório Duvivier, que assumem o papel de interlocutores e condutores das reflexões presentes no livro.



"Labirinto da Saudade" estreia em Portugal, quando se celebram os 95 anos do autor. A produção é da portuguesa LongShot e conta com direção de Miguel Gonçalves Mendes. Efeitos especiais do filme foram produzidos pela O2 Pós.

O diretor Miguel Gonçalves Mendes conclui seu documentário "O Sentido da Vida", que é produzido pela O2. Entre seus trabalhos se destaca a obra documental "José e Pilar", que aborda a vida de José Saramago e sua esposa Pilar del Río.

Post Views: 2.806



CULTURA

## CINEMA: OS FILMES DA SEMANA

por CRISTINA, 21 Maio, 2018

As sugestões cinematográficas desta semana passam pelo drama biográfico sobre o presidente dos EUA que aprovou a Lei dos Direitos Civis; um *spinoff* da saga “Star Wars” sobre as origens da personagem Han Solo e “O Labirinto da Saudade”, o documentário de Miguel Gonçalves Mendes, a partir do livro homónimo do filósofo Eduardo Lourenço.

Por: Diogo Marques

### O LABIRINTO DA SAUDADE



O professor e filósofo Eduardo Lourenço é uma personalidade de referência do pensamento filosófico português. Na semana em que o ensaísta celebra 95 anos, o realizador português Miguel Gonçalves Mendes (autor do documentário “José e Pilar”) estreia “O Labirinto da Saudade”, a partir do livro homónimo de Eduardo Lourenço.

Num documentário que pretende ser uma homenagem em vida, “O Labirinto da Saudade” não só percorre os espaços da memória e da história de Eduardo de Lourenço, como também reflete sobre a identidade portuguesa.

**IMPrensa ESCRITA**

- OPINIÃO -

“Desafia o país a pensar-se a si próprio, olhando para a sua História.”

MANUEL HALPERN,  
Jornal de Letras

“Um desafio que parecia impossível: filmar um pensamento em acção.”

JORGE LEITÃO RAMOS  
Expresso

## O Labirinto da Saudade primeiro na televisão e depois nas salas de cinema!

Artes

23 DE MAIO DE 2018  
18:23

Rui Pedro Tendinha



113 PARTILHAS

ENVIAR POR EMAIL

IMPRIMIR

EDUARDO LOURENÇO

CINEMA



O filósofo Eduardo Lourenço | DR

**Para muitos, vai ser polémico a forma como está a ser feito o lançamento do novo filme de Miguel Gonçalves Mendes,**

*O Labirinto da Saudade*, a partir da obra homónima de Eduardo Lourenço, o maior pensador português é o novo filme de Miguel Gonçalves Mendes. O filme é exibido hoje na RTP 1, em horário nobre, e, amanhã, chega às salas de cinema.

Importa talvez refletir sobre esta "ousadia". Por um lado, se o filme funciona como homenagem a uma figura maior do nosso país, a estreia em televisão, num canal aberto, e em pleno dia do seu aniversário, faz mais do que sentido. Por outro, do ponto de vista comercial, será um teste muito interessante para percebermos se os públicos televisivos são os mesmos ou se, de facto, estão num outro mundo a nível de consumo de produtos culturais. Na essência, é bom lembrar que este filme tem escala de cinema, foi feito para ser visto em grande ecrã.

Numa altura em que cada vez há mais casos de lançamentos simultâneos ou quase simultâneos em cinema e em "home cinema", o caso de *O Labirinto da Saudade*, adquire um simbolismo muito próprio: quer se queira quer não, passa primeiro de forma gratuita na televisão.

Torna-se-á óbvio que o próprio mercado levante algumas questões. Será que aos exibidores não fará confusão estar a propor ao seu público pagar para algo que esteve (e estará posteriormente na box) disponível na sua televisão? Mas também não é verdade que com tanto excesso de informação (e só ontem se percebeu que a RTP iria estrear o documentário...) o potencial público de cinema não poderá comprar o bilhete sem saber que o filme foi exibido na RTP?

Esta estreia com ordem de janelas invertidas causa perplexidade mas era bom não apagar a discussão dos méritos de um filme feito por um realizador de cinema. Miguel Gonçalves Mendes não pensou em moldes de telefilme, por certo. *O Labirinto da Saudade* é muito provavelmente uma maneira de dar a volta às regras fixas do lançamento de um filme, especialmente porque muitas das sessões nos cinemas terão debate com os protagonistas.

Depois de *José e Pilar*, Miguel Gonçalves Mendes criou um acontecimento cinematográfico e televisivo. Se ainda assim tiver resultados surpreendentes nas bilheteiras vamos ter todos de repensar a maneira como se estreia um filme em Portugal. Isso e começar a imaginar que os filmes da HBO e na Netflix até podiam eventualmente ter ainda seguidores nas salas...



## O professor na televisão

26 DE MAIO DE 2018  
00:00

João Lopes



210 PARTILHAS

A estreia de O Labirinto da Saudade, de Miguel Gonçalves Mendes, envolve fatores que excedem, e muito, as suas singularidades temáticas e narrativas. Isto porque o respetivo lançamento nas salas escuras foi precedido da sua exibição na RTP1, em horário nobre, a 23 de maio (dia do 95º aniversário de Eduardo Lourenço). Na televisão antes das salas? O mais rudimentar senso comum leva a perguntar se não se estará, assim, a favorecer mais uma forma de enfraquecimento, absurda e masoquista, do próprio mercado cinematográfico. Talvez (mesmo se ninguém defende que este modo de difusão passe a ser uma regra universal).

Acontece que ver O Labirinto da Saudade no pequeno ecrã, às nove da noite, corresponde ao lançamento de um pequeno grão de ternura num território em que, todos os dias, todos os canais de televisão, nos convocam para ler o presente português como um espetáculo deprimente, afogado na interminável repetição de dois temas: os golpes da chicana política e a gritaria da miséria futebolística.

O senso comum, ainda ele, levará a sugerir que estamos, assim, a responsabilizar os jornalistas de todos os nossos males sociais. Pobre senso comum, preso da noção pueril segundo a qual se trata sempre de encontrar "culpados". O que importa perguntar - não contra o jornalismo, mas em nome da sua nobreza - é se, para além das palavras e olhares ansiosos de jovens repórteres aos empurrões em frente de algum protagonista da política ou do futebol, não temos alguma ideia um pouco menos grosseira para nos relacionarmos com o mundo à nossa volta.

O que está em jogo não é a televisão dos "intelectuais" contra a televisão do "povo". É, isso sim, saber como vivemos - e queremos viver - através das imagens e dos sons. Por isso, foi comovente ver e ouvir Eduardo Lourenço, ao princípio da noite, a convocar-nos para o rudimentar prazer de pensarmos o que somos ou podemos ser. Parabéns, professor.

210



0



0



1





Bom dia este é o seu Expresso Curto

Subscriva o Expresso Curto

Introduza o seu email

SUBSCREVER

FILIPE SANTOS COSTA  
JORNALISTA DA SECÇÃO POLÍTICA

## O dia E

### O QUE ANDO A VER

Já vi e quero voltar a ver “**O Labirinto da Saudade**”, o documentário (? - já lá vamos, às interrogações) **de Miguel Gonçalves Mendes sobre Eduardo Lourenço, celebrando os 95 anos acabados de completar pelo filósofo e ensaísta**. Vi na RTP, na semana passada, no dia do aniversário de Lourenço, e espero voltar a ver no cinema, onde o filme está em exibição desde quinta-feira.

**Há muitas ousadias nestes 65 minutos**. A primeira é a **ousadia de querer entrar “na cabeça de Eduardo Lourenço”**. É aí que se passa a “ação” (deveria dizer o pensamento?) deste filme, que se vão desfiando memórias, que vão desfilando personagens que povoaram e povoam a sua vida, exortando-o a voltar a pensar naquilo que tem constituído o seu pensamento. Com Lourenço, *lui même*, fazendo de ator da sua existência.

A segunda é “**encenar**” **uma obra como “O Labirinto da Saudade”**. É um livro estruturante na obra de Lourenço, é uma das mais notáveis reflexões sobre quem somos enquanto povo, é isso e muito mais, mas **não é “encenável”**. **E, no entanto, ali está ele**: o livro, o pensamento, as perguntas, as respostas possíveis, a saudade, Portugal, a vida de um homem, como num sonho em que tudo se mistura e, por alguma razão ininteligível, faz sentido. Lídia Jorge, uma das “atrizes” convocadas para este sonho, interpretando-se a si mesma, disse que este é **um filme “extraordinário, extravagante e extraterrestre”**. Quem sabe usar palavras, sabe usar palavras. Está tudo certo.

Outra ousadia é a linguagem deste objeto extraterrestre. É **documentário**, e, como tal, enraiza-se em algo que existe e retrata o seu objeto, **mas também é ficção**, e nesse sentido é fantasista e onírico. Não tenho estudos para ir ao fundo deste debate, digo apenas que a mistura de códigos cinematográficos me interpelou como um dos grandes triunfos deste filme.

Em quarto lugar, noto a ousadia comercial de **estrear um filme numa tv generalista na véspera da sua estreia nas salas** de cinema. Sim, pode ser a receita para o desastre - quem vai pagar para ver fora de casa o que já pode ver à borla no sofá? Mas faz sentido que o filme tenha passado na televisão como “prenda de aniversário” para Eduardo Lourenço, como faz sentido vê-lo no cinema, pois foi para o grande ecrã que foi filmado.

Sem me querer alongar, apenas uma última ousadia - de programação. “O Labirinto da Saudade” **está muito longe de ser um produto fácil**. Não encaixa no critério mainstream que dita as opções de programação de um canal generalista como é a RTP1. Em condições normais, é coisa para ser remetida para canais de nicho, a horas tardias. Não foi isso que fez a RTP: passou-o às dez da noite de uma quarta-feira no seu canal principal. Não sei qual foi o desempenho de audiência deste alien, mas foi uma opção corajosa, que faz sentido numa televisão de serviço público.

**Se não viu “O Labirinto da Saudade”, vai a tempo**. Ainda está nas gravações da box do seu operador de tv cabo, e se vive em Lisboa, Porto ou Coimbra, ainda o pode ver no cinema.

Fico por aqui.

Tenha uma excelente terça-feira. Viva-a bem.

# sound + vision

Olhar e escutar. Música. Cinema. E os espaços em volta.

segunda-feira, maio 28, 2018

## Eduardo Lourenço — do livro ao filme (1/2)



Como divulgar/encenar um pensamento? — este texto foi publicado no *Diário de Notícias* (26 Maio), com o título 'Eduardo Lourenço filmado entre palavras e fantasmas'.

Se é verdade que algum do mais interessante cinema dos nossos dias oscila entre a crueza do documentário e o artifício da ficção, então o mínimo que se pode dizer de *O Labirinto da Saudade* é que se trata de um filme que arrisca na ambiguidade dessa oscilação. Estamos perante uma derivação de uma nobre tradição cinematográfica que, no contexto português, envolve o pioneirismo de Leitão de Barros (*Maria do Mar*, 1930), o experimentalismo de Fernando Lopes (*Belarmino*, 1964) ou a contundência poética de António Reis e Margarida Cordeiro (*Ana*, 1982).



Para o realizador Miguel Gonçalves Mendes, tratou-se de celebrar os 95 anos de Eduardo Lourenço como uma ficção protagonizada pelo próprio, deambulando por corredores reais e imaginários, dialogando com várias personalidades das artes, letras e espectáculo (Álvaro Siza Vieira, Gonçalo M. Tavares, Lídia Jorge, Pilar del Rio, Ricardo Araújo Pereira, etc.); ao mesmo tempo, essa ficção funciona como um documento sobre o livro cujo título é retomado pelo próprio filme.

Convém lembrar, por isso, que a primeira edição de *O Labirinto da Saudade* surgiu em 1978, com chancela das Publicações Dom Quixote. Quarenta anos passados, compreendemos outro tipo de ambiguidade: por um lado, o livro reflecte as euforias, perplexidades e impasses de

um país ainda muito marcado pelas heranças (ou pelos traumas, como se diz no filme) de uma ditadura de mais de quatro décadas; por outro lado, a sua acuidade crítica surge reforçada, de modo infinitamente perturbante, face a este nosso tempo em que a aceleração mediática parece esgotar-se num programa de vida encerrado no quotidiano endeusamento do futebol. Por alguma razão, Eduardo Lourenço lhe deu o subtítulo: "Psicanálise Mítica do Destino Português".

Dir-se-ia que estamos perante uma psicanálise cinematográfica de um pensador que, através do seu fundamental instrumento (o pensamento, hélas!), tem sabido escrever e descrever este nosso desejo obsessivo, porventura insensato, de sermos outra coisa para além daquilo que a história nos fez: "Chegou o tempo de nos vermos tais quais somos, o tempo de uma nacional redescoberta das nossas verdadeiras riquezas, potencialidades, carências, condição indispensável para que algum dia possamos conviver connosco mesmos com um mínimo de naturalidade" — palavras de 1978, fantasmas de 2018.

### Onde está o povo?

Podemos, talvez, perguntar se o confronto do protagonista com figuras mais ou menos consagradas não favorece a ideia de um espaço fechado de reflexão, sobretudo tendo em conta que a palavra "povo" não é um acontecimento banal na escrita de Eduardo Lourenço. Podemos também duvidar da pertinência narrativa de algumas derivações "simbólicas" que parecem subtrair o próprio retratado ao mundo concreto que, afinal, atravessa a sua obra como uma magnífica obsessão.

Dir-se-ia que falta ao filme essa dimensão visceral do pensamento de Eduardo Lourenço que nos leva a reconhecer (e a pensar com ele) que o mundo não se esgota nos discursos dos "especialistas". Porquê? Porque a nossa "desordem" a isso nos obriga. É ele que, em *O Esplendor do Caos* (Gradiva, 1998), nos recorda o sedutor radicalismo dos nossos dramas interiores: "Pode discutir-se se a desordem em que estamos mergulhados — desde a económica até à da legalidade e da ética — releva ou não, em sentido próprio, do conceito de caos. Do que não há dúvidas é de que o habitamos como se fosse o próprio esplendor."

"O Eduardo vive como se fosse eterno" — eis a bela descrição de Eduardo Lourenço por sua mulher, Annie, recordada no filme por José Carlos Vasconcelos. Para além de desequilíbrios ou impasses, *O Labirinto da Saudade* é um objecto apostado em celebrar o cinema como cúmplice desse desejo de eternidade, da sua intratável inocência. Sem esquecer a resposta do próprio Eduardo Lourenço: "Eternas são as pessoas que ficam na nossa memória, no nosso coração, depois de termos sofrido a prova suprema da sua falta, da sua ausência — e essa é incurável."



Publicada por João Lopes á(s) segunda-feira, maio 28, 2018



Etiquetas: Cinema - Estreias, Cultura, Livros, Televisão

### Autores

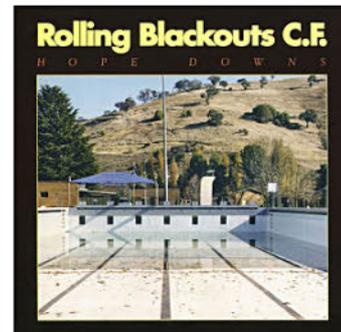
João Lopes

Nuno Galopim

### Contacto

sound-vision@hotmail.com

### AUDIÇÕES (JL)



São australianos, de Melbourne, e praticam um rock despojado, nostálgico do punk, mas decididamente rendido às delícias sensoriais das guitarras pop. Depois de alguns EPs, os Rolling Blackouts Coastal Fever estreiam-se nos álbuns com o cristalino e encantatório *Hope Downs* — ei-los, *Talking Straight*.

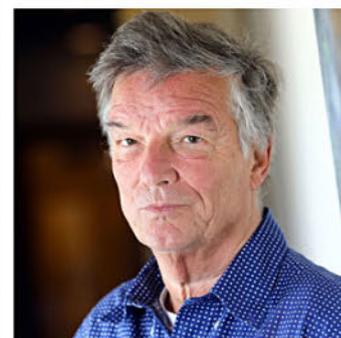


### Em Repeat (NG)



As três óperas-retrato e alguns álbuns históricos como 'Glassworks', 'Dancepieces', 'Solo Piano' ou o sublime ciclo de canções 'Songs From Liquid Days' numa caixa que junta a obra gravada para a CBS (hoje integrada na Sony Music).

### CARTAZ DE CINEMA

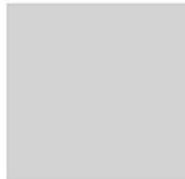


Sempre apostado num enigmático romanesco, o francês Benoît Jacquot (foto), assina agora o magnífico *Eva*, com Isabelle Huppert, segundo romance de James Hadley Chase. O CARTAZ recorda a banda sonora da anterior versão do mesmo romance, assinada em 1962 por

## Eduardo Lourenço, 95 anos: o pensamento que nos ilumina

31 DE MAIO DE 2018  
00:00

José Jorge Letria



10 PARTILHAS

ENVIAR POR EMAIL

IMPRIMIR

JOSÉ JORGE LETRIA

OPINIÃO

Celebrar Eduardo Lourenço, com a lucidez e a vitalidade dos seus 95 anos de idade, é celebrar a clareza de um pensamento que, sendo tantas vezes gémeo da poesia, representa uma capacidade única de pensar Portugal e de nos pensar no Portugal de hoje e no de sempre, como acontece no livro *O Labirinto da Saudade*, que serviu de base ao filme de Miguel Gonçalves Mendes já em exibição nas salas de cinema e exibido na RTP.

Eduardo Lourenço é, não só a matéria central deste filme, mas é, acima de tudo, o seu vital protagonista, com a generosidade, o sentido de partilha e a lucidez tranquila que tanto e tão bem caracterizam as suas intervenções. Conheço Eduardo Lourenço o bastante para considerar que a sua obra e a sua vida, muito para além da política e da ideologia, são lugares únicos e definitivos do nosso encontro connosco e com o mundo, sobretudo neste tempo de inquieta incerteza que marca a vida da Europa e do mundo.

Os anos de convívio no espaço do *Jornal de Letras*, onde sempre foi colaborador destacado, a sua disponibilidade para fazer comigo um livro sobre a Europa, que deu origem ao livro *A História é a Suprema Ficção*, (2014, ed. Guerra e Paz), edição que Mário Soares generosamente considerou uma obra exemplar pela qualidade do pensamento do ensaísta, a generosidade que lhe permitiu escrever o texto de abertura de *Isto de Ser Autor*, e a escrita do prefácio da edição comemorativa dos 90 anos de existência da SPA (Guerra e Paz) mostram Eduardo Lourenço como um homem sempre solidário que não gosta de dizer que se sente ainda mais livre quando tem tempo e espaço para estar com os outros e ir ao encontro das suas expectativas e vontades.

Recordo-me ainda do facto de termos estado presentes na visita oficial de Mário Soares ao Brasil em Abril de 1987, com uma delegação que muito honrou Portugal e nem sempre foi devidamente compreendida e louvada pelos brasileiros e em particular pela sua imprensa. Mas Mário Soares e Eduardo Lourenço, entre muitos outros, estavam muito para além e acima desses episódios de passagem desencontro que o tempo se encarregou de colocar no seu merecido lugar. *A História* e o tempo passam e tudo isto se torna mais evidente.

O Eduardo Lourenço que hoje aplaudimos e celebramos é o que escreve: "A cultura não é lugar de revelação alguma, é apenas o lugar onde todas as revelações são examinadas e discutidas sem fim. Para que cada um de nós possa viver dessa discussão infinita do mundo e de si mesma." E também: "Passámos do trágico para uma espécie de carnavalização de todas as experiências, todas as atitudes humanas. Hoje não é dúvida de que o espaço próprio da civilização a que pertencemos é a televisão."

Mas Eduardo Lourenço é também quem considera que "a Europa real é uma colecção de identidades que já não têm capacidade de viver plenamente como nações, nem a força de querer e de imaginar a futura Europa como uma espécie de nação". Sobre a Europa, o ensaísta vai mais longe e mais fundo no livro *A História é a Suprema Ficção*, em que elegeu este continente como tema central da sua intensa reflexão. O homem que define a televisão como "uma cultura do esquecimento e uma criação do esquecimento" é um dos mais marcantes e estimulantes pensadores contemporâneos, em Portugal e na Europa e, por esse motivo, uma referência plena para quem quer perceber o nosso lugar na vida e no mundo.

No livro para o qual o entrevistei, Eduardo Lourenço afirma: "Na nossa História, não há violências extremas. Tornámo-nos o famoso país dos brandos costumes, mas mesmo esta imagem também é uma falsa imagem. Nós também fomos um país com outro tipo de drama, que se confundiu com a existência portuguesa durante quase três séculos."

Felicitar Eduardo Lourenço pela magia da sua longevidade é também felicitar Portugal por ter quem o pense desta forma e partilhe connosco a pujança sempre renovada do seu pensamento.

*\*Escritor, jornalista e Presidente da SPA*



A primeira cicatriz do nosso país verdadeiramente testemunhou conta como o interveniente escolhido para um vínculo nas nossas raízes (“povo fascista e já do “sacerdote ainda falhado”, Salazar em pessoa e a imaginário ainda hoje invocado é mais quebrado segundo “trauma” experienciado em mais quebrado futuro que aborda, o futuro da nossa cidadania englobando continentais acima de nacionais (“europeus”).

### A TIME OUT DIZ



### DETALHES

... um antecipado tributo. ... encontro a um legado e fá-lo sob o jeito Miguel Gonçalves  
Fora a figura do sábio, que monta e desmonta a sua sapiência através de passos (planeados pela personificação de Diogo Dória), o filme em si, adverte para um sufocante cerco tecnológico e provavelmente não era preciso tantos “confettis” para celebrar tais ideias.

Contudo, em defesa a Miguel Gonçalves Mendes, esta assoalhada artificial gira em volta da sua figura, portanto, saída, e ouve atentamente à sua palavra, ao contrário dos textos que se querem fazer ouvir mas que são emudecidos pelas imagens salteadas de quem não sabe pensar além do seu umbigo. Acreditem, existem muitos autores assim, que se escondem por “correspondências”, mas Gonçalves Mendes não é um deles.



Hugo Gomes

IMPrensa Escrita  
- Crítica -

CRÍTICA CINEMA

# Eduardo Lourenço na Disneylândia

Miguel Gonçalves Mendes traduz certeira­mente o pensamento de Eduardo Lourenço, mas fá-lo pelo meio de uma parafernália digital que corre o risco de o traír.

O Labirinto da Saudade ★ ★ ☆ ☆ ☆



JORGE MOURINHA · 23 de Maio de 2018, 7:40

61  
PARTILHAS



Caso estranho, este de um filme que, em pouco mais de uma hora, dá tantos tiros no pé e ao mesmo tempo acerta na *mouche* no essencial. À imagem do que fizera [com Mário Cesariny em \*Autografia\* \(2004\)](#) e [com José Saramago em \*José e Pilar\* \(2010\)](#), Miguel Gonçalves Mendes volta a contornar a lógica tradicional do documentário hagiográfico. Em *O Labirinto da Saudade*, é o próprio filósofo e ensaísta Eduardo Lourenço, que completa 95 anos esta quarta-feira, a conduzir-nos por uma “encenação onírica” das ideias do livro que publicou pela primeira vez em 1978, assim protagonizando este projecto encomendado por um colectivo de amigos e admiradores (alguns dos quais participam no filme).

A ideia terá parecido irresistível a Gonçalves Mendes, cineasta que gosta de inventar e brincar com as formas, mas *O Labirinto da Saudade* quer ser demasiadas coisas para demasiada gente. Adaptação mais ou menos livre de um ensaio seminal sobre a identidade portuguesa, pequena introdução a [uma das figuras seminais da cultura nacional do último século](#), celebração da sua vida, o filme acaba por ser melhor quando se concentra apenas em Lourenço e nas suas ideias.



## Labirinto da Saudade

Realização: Miguel Gonçalves Mendes

### LER MAIS

- "Sei tanto agora que tenho quase cem anos como quando tinha dois"

Nas suas próprias palavras, o ensaísta é “um ser terrivelmente abstracto”, sem o magnetismo físico, performativo, de um Cesariny. A solução encontrada para contornar essa modéstia é o grande calcanhar de Aquiles do filme. Gonçalves Mendes coloca Lourenço a debater as suas ideias em diálogos “socráticos”, pedagógicos, com figuras públicas ali presentes como amigos ou admiradores do pensador mas também em representação de arquétipos referenciados no livro (“o escritor” Gonçalo M. Tavares, “a espanhola” Pilar del Río, “o psiquiatra” Tiago Marques, “o brasileiro” [Gregório Duvivier](#), “o africano” José Nafafe...). Essa incapacidade de delimitar fronteiras entre personalidade e personagem abre as portas ao equívoco de uma récita amadora cheia de boas intenções mas algo canhestra, e que não é ajudada pelo recurso recorrente ao efeito de imagem. Algures entre [o Darren Aronofsky de \*O Último Capítulo\*](#) e um Terry Gilliam digital, fica a sensação de que Gonçalves Mendes está a criar uma “Disneylândia visual”, cujo barroquismo ostentatório parece espelhar (talvez inadvertidamente?) a descrição que Lourenço faz do Portugal “virtual” e idílico que Salazar criou.

A verdade é que esse “papel de embrulho” não era preciso. Bastaria a voz e a presença de espírito que Eduardo Lourenço (muito menos abstracto do que diz ser) ainda respira. Sempre que tudo se concentra no seu pensamento, na sua (brilhante) “psicanálise mítica” da portugalidade, no modo como a sua obra e a sua vida se ligam, o filme descola para lá do lastro institucional das expectativas, deixa antever o que *O Labirinto da Saudade* podia ter sido. Assim, fica aquém daquilo que Miguel Gonçalves Mendes já provou saber fazer — ao mesmo tempo que faz inteira justiça ao que Eduardo Lourenço é e representa. Parece contraditório, sim, mas faz todo o sentido pelo meio deste labirinto.

## «O Labirinto da Saudade» por Hugo Gomes

sexta, 25-05-2018, 18:07 Publicado por Hugo Gomes Comentar o artigo tamanho da fonte - +

Imprimir

E-mail

Classifique este filme



24

Share

26

Share



Antes de seguirmos pelos labirínticos registos da existência de Eduardo Lourenço, é preciso falar de Miguel Gonçalves Mendes, realizador que se tem dedicado à evasão do formalismo e o formato academicamente aceite que o documentário português parece ter contraído no sentido em esquematizar “vidas e méritos alheios”. Por sua vez, é também fugaz a distorção dos cânones do docudrama que ultimamente tem caído num poço sem fundo de (não) criatividade. Passando pela lenda de mouras encantadas de Olhão, pela marca pessoal de Cesariny ou do romance que transgride o “eu” artístico e criador de José Saramago, Gonçalves Mendes aventura-se agora, ou deixa-se aventurar, pelos pensamentos de contradições de Eduardo Lourenço, ensaísta, professor e sobretudo “poeta da vida”.

Nesta tendência de condensar um livro da autoria de Lourenço, *O Labirinto da Saudade* (1978), o realizador propõe ao catedrático uma demanda pessoal e pensante pelo seu íntimo intelectual e fá-lo através do uso da tecnologia para colocar um velho sábio em perfeita confrontação com as suas ideias. Este é um caso em que a ideologia e o homem se confundem, parindo uma quimera de conscientização dos fantasmas da nossa nacionalidade, enquanto Lourenço se debate pela sua própria existência. A existência de um em paralelismo com o nosso legado enquanto portugueses, viventes de um país traumático, cujas mazelas agora convertidas em lendas e criaturas mitológicas, olharapos da nossa História (“*A História é a ficção das ficções*”).

As questões deparam-se, aguçadas como adagas feudais, no qual Eduardo Lourenço se defende com a serenidade e a lucidez pelo qual é visto, respeitado e venerado. E dentro dessa divindade, Gonçalves Mendes prepara um altar tecnológico, empacotado entre caixotes dimensionais e náuticos, a espiral logarítmica que nos leva ao córtex da sua concretização, mas ao mesmo tempo à sua tragédia. Por entre esses traumas evidenciados, existem dois que se cometem como pessoais, acima da reflexão pensante dos anteriores.



A primeira cicatriz do nosso país que Eduardo Lourenço verdadeiramente testemunhou conta com Ricardo Araújo Pereira como o interveniente escolhido para uma exorcização do salazarismo vincado nas nossas raízes (“*povo fascista e fascizado*”), ou a análise do “sacerdote falhado”, Salazar em pessoa e a sua cruzada pelo país imaginário ainda hoje invocado com um martirológico saudosismo. O segundo “trauma” experienciado é mais quebradiço, até porque é o futuro que aborda, o futuro da nossa cidadania enquanto europeus, continentais acima de nacionais (“*Precisamos mais que nunca ser europeus*”).

Essa questão das questões, a bandeja direta ao apocalipse identitário, guia-nos para o derradeiro dos destinos, no qual Lourenço encontra-se consciente. Nada é eterno, porém, “*escrevemos como fossemos eternos*”. Quanto à morte, a paragem final, que não aflige a sábios, aliás, porque a “*verdadeira morte é a do outro*”, nesse campo, Lourenço encontra-se calejado. A tragédia parece se abater nos últimos tempos deste *Labirinto da Saudade*, mas Miguel Gonçalves Mendes responde com um reencontro a um legado e fá-lo sob o jeito de um antecipado tributo.

Fora a figura do sábio, que monta e desmonta a sua sapiência através de passos (planeados pela personificação de Diogo Dória), o filme em si, adverte para um sufocante cerco tecnológico e provavelmente não era preciso tantos “confettis” para celebrar tais ideias.

Contudo, em defesa a Miguel Gonçalves Mendes, esta assoalhada artificial gira em volta da sua figura, portanto, saúda, e ouve atentamente à sua palavra, ao contrário dos textos que se querem fazer ouvir mas que são emudecidos pelas imagens saltadas de quem não sabe pensar além do seu umbigo. Acreditem, existem muitos autores assim, que se escondem por “correspondências”, mas Gonçalves Mendes não é um deles.



**Hugo Gomes**

# O Labirinto da Saudade

Filmes ★★☆☆



## A TIME OUT DIZ

★★★☆☆

## DETALHES

## A VOSSA OPINIÃO

Podia esperar-se o pior deste documentário sobre Eduardo Lourenço, a partir do seu livro *O Labirinto da Saudade* (1978), e quando o autor faz 95 anos: a mitificação em vida daquele que foi transformado, *malgré lui*, no pensador do regime, com o patrocínio e a participação de um grupo de amigos e admiradores ilustres. Felizmente, Miguel Gonçalves Mendes foge à estrutura do documentário de cabeças falantes e identidade televisiva, apostando numa encenação cinematográfica, e visualmente muito inventiva, e dando quase sempre a palavra ao biografado. Claro que é impossível sintetizar o pensamento de Eduardo Lourenço, e o referido livro, num filme de pouco mais de uma hora, mas é este um bom esforço.

O que não fica nada bem num documentário sobre um homem que sempre recusou o reducionismo, o estereótipo e o sectarismo, é a deferência de *O Labirinto da Saudade* para com Ramalho Eanes, Jorge Sampaio e Mário Soares, e o tratamento caricatural e gozão dado a Cavaco Silva.

Por Eurico de Barros

PUBLICADO: QUARTA-FEIRA 23 MAIO 2018



RTP



RTP - Estreia



RTP - Cinemax



SIC

## TELEVISÃO - REPORTAGEM -



RTP - Agora Nós



SIC - Eixo do Mal



TVI



Rádio Renascença



Antena 1

## RÁDIO - REPORTAGEM -



Antena 3



Rádio Renascença



BIOGRAFIAS



## MIGUEL GONÇALVES MENDES

Miguel Gonçalves Mendes nasceu em 1978 na Covilhã. Trabalhou como ator, diretor e produtor e realizou diversas longas-metragens e documentários. Fundou, em 2002, a JumpCut, uma produtora de teatro e cinema, com sede em Lisboa. Realizou uma série de documentários premiados, filmes experimentais e projetos sob encomenda. O filme *Floripes*, lançado em 2007, é a sua primeira produção híbrida (documentário-ficção), formato que passaria a explorar. Em 2004 realizou o documentário "Autografia" sobre o Mário Cesariny, prémio Melhor Documentário Doc-Lisboa. Em 2011, estreia seu projeto *José e Pilar*, em coprodução com a O2 Filmes e a espanhola *El Deseo* (dos irmãos Almodóvar). Aclamado internacionalmente por crítica e público, o filme colecionou prémios em diversos festivais e foi eleito para representar Portugal na categoria de Melhor Filme Estrangeiro ao Oscar em 2012. Entre seus trabalhos mais recentes estão a série *Nada Tenho de Meu*, exibido pela RTP e pelo Canal Brasil. O seu mais novo projeto é o documentário *O SENTIDO DA VIDA* – um filme que conta a história de um jovem portador de paramiloidose. Em paralelo, Miguel também desenvolve a longa-metragem de ficção "O Evangelho Segundo Jesus Cristo", adaptação do polémico romance do vencedor do Nobel José Saramago.

## EDUARDO LOURENÇO

Eduardo Lourenço (de Faria) nasceu a 23 de Maio de 1923, em S. Pedro de Rio Seco, concelho de Almeida, distrito da Guarda. É o filho mais velho (de sete) de Abílio de Faria, oficial do Exército, e de Maria de Jesus Lourenço. Frequenta a Escola Primária na sua terra natal. Depois ingressa no Liceu da Guarda e termina os seus estudos secundários no Colégio Militar em Lisboa. Frequenta o Curso de Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra onde conclui a Licenciatura no dia 23 de Julho de 1946, com uma Dissertação com o título O Sentido da Dialéctica no Idealismo Absoluto. Primeira parte.

Assume as funções de Professor Assistente nessa Universidade, cargo que desempenha até 1953. Desde então e até 1958 exerce as funções de Leitor de Língua e Cultura Portuguesa nas Universidades de Hamburgo, Heidelberg e Montpellier. Nos anos de 1958 e 1959, rege, na qualidade de Professor Convidado, a disciplina de Filosofia na Universidade Federal da Baía (Brasil). Ocupa depois o lugar de Leitor a cargo do Governo francês nas Universidades de Grenoble e de Nice. Nesta última Universidade irá desempenhar posteriormente as funções de Maître-Assistant, cargo que manterá até à sua jubilação no ano lectivo de 1988-1989.

Publica, em edição de autor, o seu primeiro livro Heterodoxia I em Novembro de 1949. Casa com Annie Salomon em 1954. Em 1966, nasce o seu filho adoptivo, Gil. Ao seu livro Pessoa Revisitado – Leitura Estruturante do Drama em Gente é atribuído o Prémio Casa da Imprensa (1974). Em 10 de Junho de 1981, é condecorado com a Ordem de Sant'Iago d'Espada. Pelo seu livro Poesia e Metafísica recebe, no ano de 1984, o Prémio de Ensaio Jacinto Prado Coelho. Dois anos mais tarde, é distinguido com o Prémio Nacional da Crítica graças a Fernando, Rei da nossa Baviera. Por ocasião da publicação da sua obra Nós e a Europa – ou as duas razões, é galardoado com o Prémio Europeu de Ensaio Charles Veillon, que distingue o conjunto da sua obra. Dirige, a partir do Inverno de 1988, a revista Finisterra - Revista de Reflexão e Crítica. É nomeado Adido Cultural junto da Embaixada de Portugal em Roma. É condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique (Grande Oficial). Recebe, no dia 1 de Julho de 1992, o Prémio António Sérgio. Participa no Parlamento Internacional de Escritores que decorre entre 28 e 30 de Setembro de 1994 em Lisboa. Pela sua obra O Canto do Signo recebeu em 1995 o Prémio D. Dinis de Ensaio. Nos últimos anos, Eduardo Lourenço recebeu inúmeras distinções, entre as quais se destacam: Prémio Camões (1996), Officier de l'Ordre de Mérite pelo Governo francês (1996), Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres pelo Governo francês (2000), Prémio Vergílio Ferreira da Universidade de Évora (2001), Medalha de Ouro da Cidade de Coimbra (2001), Cavaleiro da Legião de Honra (2002), Prémio da Latinidade (2003), Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada (2003), Prémio Extremadura a la Creación (2006), Medalha de Mérito Cultural pelo Governo português (2008), Medalha de Ouro da Cidade da Guarda (2008) e Encomienda de Numero de la Orden del Mérito Civil pelo Rei de Espanha (2009).

Eduardo Lourenço é ainda Doutor Honoris Causa pelas Universidades do Rio de Janeiro (1995), Universidade de Coimbra (1996), Universidade Nova de Lisboa (1998) e Universidade de Bolonha (2006). Desde 2002 exerce as funções de administrador não executivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em Dezembro de 2011, foi-lhe atribuído o Prémio Pessoa. Em 2013, foi distinguido com o Prémio Jacinto do Prado Coelho pela obra Tempo da Música. Música do Tempo.



PARTICIPANTES  
CONVIDADOS



**ABI FEIJÓ**

É realizador e produtor cinematográfico de animação. Licenciou-se na Escola Superior de Belas Artes do Porto em arte gráfica e design. Foi o fundador d' O Filmógrafo, em 1987, assim como da Casa da Animação, no Porto, em 2000.



**ÁLVARO SIZA VIERA**

Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira nasceu em Matosinhos em 1933. Estudou Arquitectura na Escola Superior de Belas Artes do Porto entre 1949 e 1955, sendo a sua primeira obra construída em 1954. Ensinou na ESBAP entre 1966 e 1969; reingressou em 1976 como Professor Assistente de "Construção". Recebeu numerosos Prémios, entre eles: o Prémio Prince of Wales da Harvard University e o Prémio Europeu de Arquitectura da Comissão das Comunidades Europeias. Em 1992 foi-lhe atribuído o Prémio Pritzker da Fundação Hyatt de Chicago pelo conjunto da sua obra. Em 1998, o Praemium Imperiale pela Japan Art Association. Em 2002, recebe o Leão de Ouro em Veneza (melhor projecto) pela Bienal de Veneza.



**GONÇALO M TAVARES**

Poeta e romancista português, Gonçalo Manuel Albuquerque Tavares mais conhecido como Gonçalo M. Tavares nasceu no ano de 1970 em Angola, e após a Guerra Colonial, se estabeleceu em Aveiro. Recebeu os mais importantes Prémios em Língua portuguesa como: o Prémio José Saramago, o Prémio LER/Millennium BCP; o Prémio Branquinho da Fonseca, o Prémio Revelação de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores. Os seus livros deram origem a peças de teatro, objectos artísticos, vídeos de arte, ópera, etc. Estão em curso cerca de 220 traduções distribuídas por quarenta e cinco países.



#### GREGÓRIO DUVIVIER

Gregório Duvivier é um ator, humorista, roteirista, escritor, dublador e poeta brasileiro. Ficou conhecido pelo seu trabalho no cinema e no teatro e, a partir de 2012, destacou-se como um dos criadores dos esquetes do canal Porta dos Fundos no YouTube.

É autor dos livros "A partir de amanhã eu juro que a vida vai ser agora", "Ligue os pontos - Poemas de amor e Big Bang" e "Put Some Farofa". Também assina uma coluna semanal no jornal a Folha de S.Paulo.



#### JOSÉ LINGNA NAFAFE

Dr. José Lingna Nafafe é professor na Universidade de Bristol na área de estudos portugueses e lusófonos. O seu enfoque de pesquisa centra-se sobretudo na diáspora e escravatura africanas e nos sec XVI e XVII e no colonialismo português.



#### JOSÉ MANUEL AFONSO

José Manuel Afonso é Investigador Auxiliar no Departamento de Física da Faculdade de Ciências da U. Lisboa, desde 2004. Os seus interesses científicos centram-se no estudo da formação e evolução de galáxias. Obteve o Doutoramento em Astrofísica em 2002 pelo Imperial College de Londres, tendo sido representante português no Comité Técnico e Científico do Observatório Europeu do Sul (ESO) entre 2005 e 2011. Foi Coordenador do Centro de Astronomia e Astrofísica da Universidade de Lisboa entre 2011 e 2014, e coordena o Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço desde 2015.



#### LÍDIA JORGE

Escritora. Licenciou-se em Filologia Românica pela U. Lisboa, dedicando-se de seguida ao ensino liceal. Em 1970, parte para África, onde viverá o ambiente da Guerra Colonial, que irá descrever mais tarde, numa perspectiva absolutamente original -através do olhar da mulher de um oficial do exército português - no romance A Costa dos Murmúrios.



#### **PILAR DEL RIO**

Pilar del Río é uma jornalista e escritora espanhola, atualmente Presidenta da Fundação José Saramago. Foi, também, uma tradutora para a língua espanhola de vários romances do Nobel de Literatura José Saramago. No dia 26 de Maio de 2017 recebeu o Prémio Luso-Espanhol de Arte e Cultura na Biblioteca Nacional de Espanha.



#### **RICARDO ARAÚJO PEREIRA**

Ricardo de Araújo Pereira é um ator e humorista português. Licenciou-se em Comunicação Social e Cultural, na Universidade Católica Portuguesa. Iniciou-se como jornalista, primeiro como estagiário na redação do Jornal de Letras, Artes e Ideias; depois como repórter de informação da TVI.



#### **TIAGO REIS MARQUES**

Foi considerado o Melhor Jovem Investigador em 2015. Tiago Reis Marques divide a vida entre a investigação no King's College e os doentes que atende em Londres e Portugal. O jovem psiquiatra estudou a esquizofrenia, a depressão e a relação de drogas como a canábis com a psicose.

*a História  
em ficção  
das ficções*

# O LABIRINTO DA SAUDADE

**LONGSHOT**